

João Paulo Hergesel
org.



**Registros
do que
chamamos
de vida**

crônicas do cotidiano
universitário



João Paulo Hergesel
organizador

Registros do que chamamos de vida

1.^a edição

Editora Jogo de Palavras
Alumínio/SP
2023

© dos textos: autores, 2023

© da edição: Editora Jogo de Palavras, 2023

Edição: João Paulo Hergesel

Revisão: Ana Carolina Santos Rangel, Ana Clara Juliani Arroyo, Arthur Henrique Rodrigues Zullo, Giovana Soldá Righetto, Giovanna Landim Carsa, Isabela Miyako de Araujo Matsumoto, Joyce de Santana Barbosa, Leticia Eid Godoy, Letícia Nóbrega Kremer, Livia de Resende Bigelli, Maria Victória Sakamoto Caffeu, Mariana Alves De Nadai, Nadiesca Júlia Soares e Pamela Lorrany Ferreira Duarte

Imagem de capa: Hans | Pixabay

Catlogação na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

R337

Registros do que chamamos de vida / João Paulo Hergesel
(Organizador). – Alumínio/SP: Jogo de Palavras, 2023.

(Ametista, V. 2)

132 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-87397-43-6

1. Crônica. 2. Literatura brasileira. I. Hergesel, João Paulo
(Organizador). II. Título.

CDD 869.98

Índice para catálogo sistemático

I. Crônica : Literatura brasileira

Editora Jogo de Palavras

CNPJ: 15.042.985/0001-95 | <http://www.jogodepalavras.com>

APRESENTAÇÃO

Caleidoscópico cotidiano: crônicas de vidas universitárias

É com imenso prazer que apresento o livro *Registros do que chamamos de vida*, uma coletânea de crônicas produzidas por talentosos alunos da Faculdade de Letras da PUC-Campinas, como parte das atividades do componente curricular Letramentos de Língua Portuguesa: Práticas Cotidianas. O objetivo do projeto foi praticar a escrita de textos cotidianos em língua portuguesa, com foco no gênero crônica.

A jornada literária dos estudantes teve início com a pesquisa de temas contemporâneos, abrangendo política, economia, esporte e cultura. A construção do repertório foi minuciosa, envolvendo a coleta de informações de diversas fontes, incluindo renomados veículos como Folha de S.Paulo, Correio Popular, Meio&Mensagem, Veja, Exame e Istoé.

A definição do tipo e abordagem das crônicas foi uma etapa crucial, inspirada pela leitura de exemplares variados em sala de aula. Os alunos exploraram sua preferência entre a crônica narrativa e reflexiva, bem como as abordagens humorísticas, filosóficas ou líricas, dando assim um toque pessoal e autêntico às suas produções.

A estruturação e redação das crônicas seguiram princípios essenciais, com início, desenvolvimento e conclusão. Os textos, embora enxutos, revelam a visão crítica dos autores, que, habilmente, mesclaram fatos do cotidiano a elementos ficcionais, humorísticos e reflexivos.

A revisão cuidadosa, com devolutivas do professor, permitiu aprimorar não apenas questões gramaticais, mas também aspectos contextuais, garantindo a maturidade necessária para integrar esta antologia.

A crônica, por sua essência, destaca-se como um gênero que mescla jornalismo e poesia, capturando a vida corriqueira e transformando o banal em algo especial. Os cronistas, assim como os alunos desta obra, conseguem cativar os leitores, deixando neles a agradável sensação de querer mais.

Nossos autores exploraram diferentes vertentes da crônica. Algumas são narrativas, desenvolvendo enredos do cotidiano universitário, enquanto outras são reflexivas, apresentando impressões e observações sobre temas contemporâneos. Algumas dialogam fortemente com o conto, em criativas invencionices, enquanto outras caminham de braços dados com o artigo de opinião, com críticas diretas sobre a sociedade.

Registros do que um dia chamamos de vida é mais do que uma simples antologia; é um convite para explorar a riqueza da vida universitária sob a lente aguçada desses jovens cronistas. Cada crônica é uma janela para o cotidiano, um fragmento de reflexão, humor e poesia que espera encantar e inspirar nossos leitores.

Agradecemos a dedicação e criatividade dos alunos da Faculdade de Letras da PUC-Campinas, que, com maestria, transformaram suas experiências cotidianas em obras literárias únicas. Desejamos a todos uma leitura envolvente e inspiradora, repleta de nuances que fazem da crônica um reflexo fiel da vida.

Boa leitura!

João Paulo Hergesel

Professor e admirador de escritores entusiastas

SUMÁRIO

Os dias que restam

Josué Kalebe Valente Reis 11

Uma discussão sobre a loucura mundial

Beatriz Vieira Celestino 13

A menina da rede social

Luane Vithória Rodrigues 15

Perdas

Lucas Oliveira Lopes 17

Uma pequena cidade

Joyce de Santana Barbosa 20

Apenas mais um dia

Milena Mayumi Nakanichi 22

Eu era pequena...

Carolina Soares Domingos 23

Ele

Marina Bernardino Rezende 26

16 paradas (mais ou menos)

Beatriz Santos da Silva 28

O pedido!

Maria Eduarda de Andrade Pereira 30

Em um mundo compulsivo por sexo e erotismo...

Pamela Lorrany Ferreira Duarte 31

Não é que eu seja uma consumidora compulsiva...

Quitéria Silva de Santana Feitoza 33

Procura

Giovana Miguel da Silva 36

A rua iluminada

Alice Mota Silveira 38

Os nomes das rosas

Débora Silvestre Aguiar 41

Um dia de uma história	
Stella Maris Souza Ferrari	43
Era uma vez uma cidade pacata no interior...	
Maria Fernanda de Melo	45
Amor em CD	
Laura Domingues de Souza	47
Isquentô, né?	
Guilherme Cruvinel Fonseca Maia	51
O mar	
Ana Paula Tomicioli	53
Invenção do tempo	
Giovanna Landim Carsa	55
notificação	
Giulia Maia Guimarães	56
Thamira in Paris	
Thamara Lopes Pereira	59
Nas duas primeiras semanas do mês de junho...	
Pedro Henrique Gaspar	61
Sempre admirei quem fosse bom com os números...	
Sophia Gobbo da Cruz	64
Por que gosto mais de Taylor Swift do que de Oscar Wilde	
Isabela Ortega Nicioli	66
Safári	
Ana Luísa Zanco Barzon	73
“Bateria fraca, favor recarregar”	
Kayssa Amaro	75
Férias em família	
Helen Pinto dos Santos	78
Alerta do futuro	
Isabelle Alves da Silva	79
O nascer do sol das lembranças	
Luize Rodegher Ramos	82

À frente do seu tempo	
Ana Luiza Bruzadelli	84
O cardápio	
Elis Carrara	86
São João	
Maria Victória Sakamoto Caffeu	88
Cinzas	
Marcella Victória Rocha do Prado	90
Outros tempos	
Mariana do Nascimento Almeida	92
Assim caminha a humanidade	
Heloísa Giraldi Artuzo.....	94
Sempre vou no mesmo ônibus...	
João Pedro de Lima	96
O (re)nascimento de Helena	
Vitória Oliveira Santos	98
As cores da infância	
Luciana Hitomi Tamura	100
Mudar, errar e não se importar	
Maithê Amabile de Alencar Gassi.....	102
Purê de bananê ao molho sugo	
Juliana Caruso Pieragnoli	103
Eu vivia bem...	
Mary Eduarda Rodrigues Soares	105
<i>Pardonnez-moi, monsieur</i>	
Victória Gabriela Dorigatti	107
O Refúgio das Palavras	
Isabela Miyako de Araujo	109
A dualidade das redes sociais na vida dos adolescentes	
Alysson Pinheiro Rulim	112
No meio de uma cidade agitada...	
Nathália Vitória Preto Alves	114

Café da tarde	
Sofia Neves Leardini.....	116
Caixa de sonhos	
Samile de Oliveira Alves.....	120
Papai do céu, me dá um namorado lindo, fiel, gentil e tarado	
Mariana Mattano da Silva.....	122
Se você souber procurar	
Ana Laura Guidolino.....	125
Hello World	
Gabriel Passos de Nardi.....	127

Os dias que restam

Josué Kalebe Valente Reis

— Houve um tempo em que tudo podia ser dito! Tempo em que mulher era cuidadosa com a casa e não tinha preocupação de peitar marido, jantares em que crianças não circulavam a mesa fazendo algazarra... Já viu o tanto de bicha na rua? Dizem ser os novos homens... Na minha época a gente resolvia na surra. Enfim, bons tempos!

A fala do senhor comerciante incomodou até os cantos mais silenciosos de minha alma. Aquela feira já havia sido melhor frequentada. Meu pai cresceu aqui e, a partir de um caixote de frutas, montou uma charmosa quitanda, que seus filhos, eu e meus irmãos, tínhamos como obrigação cuidar de seu ganha-pão.

Depois de vinte anos convivendo com meu pai, agora já jovem e quase criado, sei muito bem do meu interior. Sei que não devo protelar ou enxergar a pessoa por detrás de tanta maldade em um respirar de pulmões. Tantos de nós mortos injustamente. Tantas de nossas mães com lágrimas já secas do silencioso choro noturno. Tantos de nossos pais com a convicção de um ódio eterno. Tantos de nossos amigos enterrados sob a maldição de um fogo eterno.

Lembro-me de crescer vendo uma linda mulher equilibrando a vida e suas finanças em uma balança na casa que estou todos os dias. Ninguém vendia verduras como ela! Certa vez, seu filho, Gabriel, cansado da opressão que vivera por anos, saiu de casa e buscou ser quem era. O seu verdadeiro eu, Samantha, exalava confiança e o poder que o mundo não estava preparado. Infelizmente, o mundo roubou o que ela tinha de mais lindo, seu olhar, seu cantar, e, por fim, seu viver! Esta foi a primeira perda que sofremos na rua dos comerciantes.

Lembro-me de João, Felícia, Ana Rita, Júlia Cristina, Marcos, Felipe, Heitor, Afonso, Benjamin, Duda, Clarice e tantos outros que não conseguiram sobreviver ao mundo. Às vezes penso que nunca fui merecedor de todos esses encontros. Seres de luz que perderam suas vidas nas mãos de gente má! Crianças que brincaram comigo e que nunca perderam o brilho de ser o que eram. Não vivi o início do período da invalidação, apenas fui inserido nele. Esses mais próximos à mim tentaram por muito tempo a tal da adequação nos parâmetros da sociedade. Dias treinando para entrevistas, as melhores notas em cursos, o melhor desempenho e esforço. Tudo jogado ao vento no segundo em que suas identidades com as fotos de suas matrizes reais eram colocadas à mesa, ou até mesmo a identidade pelo dizer, andar e vestir.

Nesses meus dias, meu pai diz estar preocupado com minhas olheiras de noites mal dormidas, com a minha total indisposição para o atendimento de clientes costumeiros de nossa quitanda. Mãe diz que devo estar apaixonado por algum “mano” de nosso bairro. Contudo, apenas não tenho mais ar nestes pulmões cansados e de suspiros presos em vielas perigosas, que não podem ser frequentadas por pessoas de minha cor e índole mal expressada através de minhas roupas.

O que haverá de ser dito para os senhores desse mundo? O que será discutido nas rodas mais conservadoras de minha comunidade? Como honrar o tempo vivido e o pós-viver desses seres que não estão mais entre nós?

Uma discussão sobre a loucura mundial

Beatriz Vieira Celestino

Pleno século 21 e eu sinto que as pessoas estão ficando loucas. Talvez não no nível “chamem os médicos do hospício e levem esses doidos”, mas definitivamente alguns perderam a noção de realidade. Dentro dessa clara e objetiva verdade (que se você não vê, em minha humilde e as vezes não muito popular opinião, você está meio alheio ao mundo a sua volta), vamos aos motivos, listados por mim, de toda a falta de parafusos coletiva dessa raça.

Primeiramente, o Twitter. Visto que é a primeira razão, tenha em mente que, é, definitivamente, a maior. O Twitter pode parecer uma rede social inocente à primeira vista (definitivamente, não é), onde você pode expressar seus pensamentos mais profundos (isso é, definitivamente, uma péssima ideia), mas a coisa está muito mais no fundo do poço do que você imagina. Lá estão as pessoas mais diversas, com as opiniões mais diversas de vivências completamente opostas, dando pitaco sobre temas que, na realidade, ninguém se importa. Pautas que, se colocadas em voz alta, chegam a beirar o ridículo, porque, convenhamos, que diferença faz o artista que tem mais fãs ou o melhor personagem de tal série? Se fosse só isso, o Twitter poderia ser chamado de inofensivo, mas parece que as pessoas veem uma tela e esquecem que são seres humanos e que outro ser humano está lendo do outro lado, ativam seus modos mais primitivos e agem como idiotas ofendendo e acabando com a saúde mental alheia, externando o pior da raça humana.

Segundamente, a crise financeira. Em um mundo onde um mísero aluguel é maior que o salário-mínimo e os jovens (os não abençoados com a boa vida que o papai deu), demoram séculos para atingir a independência financeira, mas a sociedade te cobra de uma

faculdade, de uma vida social... Viver se tornou definitivamente caro. Encontrar um emprego é outro subgênero desse problema. Você manda 500 currículos e se te chamarem para uma entrevista já é lucro. A crise não é necessariamente do país (também, mas não apenas), a crise é na própria cabeça já abalada por tudo que nos envolve.

Terceira e última (claramente não o último de todos os problemas do mundo), a pressão social e estética. A quantidade de gente gastando milhões com cirurgia plástica chega a ser assustadora, e isso é apenas um reflexo de um padrão de beleza absurdo implantado pela mídia popular. A quantidade de pessoas inseguras, ansiosas e depressivas só prova o quão inalcançável e irreal é tudo isso. O triste é que isso não se resume apenas a aparência física, mas em toda relação social que enfrentamos na vida e, definitivamente, isso nos afeta.

Em uma definição para a loucura mundial, podemos apontar diversas razões. A pandemia de 2020 que mudou a nossa visão de mundo, as redes sociais, a criação familiar... O ponto é, está todo mundo um pouco maluco e, nas atuais circunstâncias, não há muito que nós possamos fazer para mudar isso.

A menina da rede social

Luane Vithória Rodrigues

Vi uma menina na rua alguns dias atrás, em um mercado de esquina perto de casa. Jurava que havia visto alguém parecido em uma foto postada em alguma rede social, mas descartei a ideia. Afinal, a menina que apareceu na tela do celular tinha olhos grandes, uma pele lisinha e cabelos sedosos, ostentando uma vida de riqueza com suas fotos diárias em locais que eu só poderia sonhar em estar! Fico me perguntando quantas milhões pessoas queriam sua vida neste momento.

A garota que havia visto na rua, no entanto, calçava sapatos velhos, roupas largas e monótonas, contando moedas para pagar por suas compras, retirando itens de seu carrinho após alguns cliques na calculadora de seu celular, anotando preços com uma expressão preocupada em seu rosto.

Pensei, é claro, que as duas não poderiam ser a mesma pessoa! Matutei bastante, mesmo tendo decidido que não eram. E se fossem? Existia a possibilidade? Bem, existia, sim, mas a probabilidade era minúscula, para dizer o mínimo.

Para a minha surpresa, vi a mesma menina do mercado alguns dias depois, tirando fotos em um parque local com a sua bebida de um restaurante supercaro que havia aberto na semana passada. Irônico, para dizer o mínimo!

Decidi observá-la por um tempo e logo vi a mágica acontecer. Os filtros, as edições e os acertos em sua imagem. Sua pele foi clareada, seus olhos aumentaram e logo ela havia se transformado na celebridade das redes sociais!

Foi então que andei para longe e resolvi esquecer o assunto. Fechei minha conta naquele mesmo dia e não olhei para trás desde

então. Se for para viver uma vida repleta de riquezas baseadas em mentiras, prefiro levar a minha vidinha simples e real.

Perdas

Lucas Oliveira Lopes

Engraçado como as coisas são. Nada acontecia na vida monótona de Lucas e, ao mesmo tempo, tudo acontecia. Já tinha perdido um pai, um sonho, uma tia, um passaporte... o que mais poderia perder? Uma bicicleta, sim, ele perdeu uma bicicleta. Mas, veja bem, não foi uma bicicleta comum. Era a bicicleta que ele jurava ser sua alma gêmea de duas rodas. Foi um término triste, digno de novelas mexicanas.

Mas Lucas não desistiria. Decidiu que era hora de embarcar em uma viagem de fuga, para algum lugar desconhecido, na esperança de recomeçar. Ele não tinha planos, dinheiro, lugar para ficar e tampouco previsão de trabalho. No entanto, a coragem de permanecer naquele lugar que o causava tantas dores, onde tudo parecia ser uma sequência de perdas, já não existia mais.

Sai bicicleta, entra passagem de van clandestina para BH. Afinal, o bolso estava mais magro do que o estoque de roupas de uma modelo em semana de moda. Era hora de economizar! Ah, a vida é uma caixinha de surpresas, ou nesse caso, uma van de surpresas. Ele subiu na van cheio de incertezas, mas logo fez amizade. Conseguiu um lugar pra morar, um trabalho meia boca e uma futura pseudo inimiga, que adorava disputar com ele o último pacote de batata frita do armário e atenção de João, o amigo da van.

A sorte e o azar sempre dançaram um tango em sua vida, com a sorte liderando mesmo que ele não percebesse. Ele tinha um talento inexplicável para conseguir quase tudo o que queria, desde que não envolvesse decorar nomes, marcas e modelos de carros. E, quando ele colocava algo na cabeça, parecia que o universo gritava: "Eu te ajudo, mas espera que vem encrenca!".

Um mês se passou e Lucas finalmente se desculpou com sua mãe, por se mudar sem dar satisfação, após uma ligação interurbana emocionante regada a lágrimas e biscoitos de polvilho. E como se isso não bastasse, no momento exato, ele conseguiu um novo emprego. Era um trabalho simples no shopping, mas o suficiente para pagar as contas e até sobrar um trocado para aquele lanchinho no fim de semana.

Dois meses se arrastaram e Lucas estava vivendo a vida como um verdadeiro explorador da capital, mergulhando de cabeça em todas as experiências que a cidade tinha para oferecer. Inclusive, um assalto à mão armada, que mais parecia uma encenação de filme. Nada de mais, apenas mais uma história engraçada para contar aos amigos, e um celular a menos para se preocupar em carregar.

Ele frequentava igrejas e baladas, apaixonava-se e desapaixonava-se, como quem troca de roupa. Ele era especialista em confundir os sentimentos alheios, sempre deixando uma trilha de corações partidos e olhares confusos por onde passava. Ah, a sua vida amorosa era uma verdadeira comédia romântica, com direito a trilha sonora dramática e cenas hilariantes que causavam certa vergonha alheia.

A vida de Lucas, com todas as suas reviravoltas cômicas, ensinou-lhe uma lição valiosa: as oportunidades surgem em meio aos momentos mais inusitados. Às vezes, é preciso perder algo para ganhar mais adiante, mesmo que seja uma bicicleta que prometia amar eternamente. A sorte e o azar são apenas companheiros de dança nessa jornada maluca que é a vida.

Com uma mistura de humor, drama e determinação, ele segue em busca de novas experiências, pois já estava achando que nada mais acontecia em sua vida. E é justamente quando ele menos espera que surge uma oportunidade inesperada: um trabalho em

Campinas, a cidade das oportunidades perdidas, da água que não se recomenda beber e de reencontros surpreendentes. E, assim, com uma mala cheia de roupas, incertezas e humor de gosto duvidoso, ele parte rumo a uma nova jornada. Onde aprenderá a aproveitar cada curva, cada queda, cada surpresa com um sorriso no rosto, piadas ácidas na ponta da língua e esperança no coração.

Uma pequena cidade

Joyce de Santana Barbosa

Em uma pequena cidade, o tempo parecia fluir em um ritmo mais lento, e em todo canto havia uma história que valia a pena ser contada. Histórias de encontros e desencontros, de sorrisos e lágrimas, de sonhos e realidade, sobre a vida cotidiana de pessoas comuns, que tinham suas próprias batalhas e triunfos. Nas ruas, pessoas cruzam olhares e sorrisos, também há aquelas pessoas que sempre estão atrasadas ou estressadas, mas até mesmo para elas essa cidade tinha algo diferente, havia uma atmosfera acolhedora que oferecia uma chance de pausa e reflexão, até a pessoa mais ocupada encontrava uma oportunidade para reconectar consigo mesma.

Em uma cafeteria nessa mesma cidade, o aroma do café fresco se misturava ao ar, convidando aqueles que passavam para entrar e experimentar um momento de tranquilidade. Nesse café, pessoas de toda a cidade se encontravam. Os solitários em busca de um momento de introspecção, os amigos em busca de uma pausa na rotina, os amantes que compartilhavam olhares e segredos. Cada pessoa tinha sua própria história, mas todas elas encontravam um refúgio naquele pequeno café.

Na praça da cidade um grupo de jovens se reunia em torno de um músico de rua. Esse homem, que tocava seu violão com paixão, pensando nos amores que um dia ele viveu, dedilhando as cordas com maestria, enquanto a melodia fluía como um rio de notas musicais. As notas dançavam no ar, assim como os espectadores dançavam com alegria e, por apenas um breve período de tempo, podiam dançar e cantarolar até que seus problemas evaporassem de suas cabeças.

Ali do lado havia uma casa antiga, com suas paredes de pedra e telhado envelhecidos pelo tempo, pode-se dizer que essa casa já viu de tudo, mas hoje é apenas um refúgio silencioso para um casal de idosos que enfim encontraram abrigo para suas almas cansadas.

Mais à frente, tem uma escola, onde as crianças aprendem de tudo sobre o mundo e começam a compreender a si mesmas. Fazem amizades, aprendem a compartilhar, a criatividade floresce, e seus sonhos, pela primeira vez, ganham asas. Essas crianças mal sabem que esse é apenas o começo, que tem páginas em branco esperando para serem preenchidas, e que muitas outras descobertas ainda serão feitas.

E assim, entre o aroma do café, a melodia do violão, a sabedora dos mais velhos, e a cada curiosidade dos pequenos, essa pequena cidade se torna cheia de vida. Cada pessoa, cada momento, cada história contribui para a trama que se desenrola a cada dia na vida de cada um. E é nesse cenário encantado que as vidas se entrelaçam, os sentimentos se cruzam, a esperança se renova, e novas histórias nascem.

Apenas mais um dia

Milena Mayumi Nakanichi

Ai, meu coração! Como ele dói. Tento respirar, mas não consigo. Estou sentada no chão do meu pequeno quarto, as luzes apagadas e meus olhos fechados, apenas tentando ouvir minha respiração enquanto peço para Deus me acalmar, mas nada parece resolver. Minha mãe fala que é falta de acreditar no Senhor, enquanto meu pai diz que é frescura. Mas a verdade é que eles nunca passaram pelo que eu estou passando. Eles não tiveram isso na infância deles para poder opinar. Tento repetir para mim mesma: “é apenas mais um dia”, mas nada adianta. Porque não vai embora? Talvez ler um livro funcione, mas como? Se tudo que penso é na redação que tenho que fazer até às 23h59 de hoje? Talvez ir à academia? É isso. Eu vou na academia e tudo vai ficar bem. Espera! Eu tenho reunião online com o pessoal da escola para discutir sobre o trabalho de história que é para essa semana. Acho que academia não rola. Já sei! Vou assistir um vídeo no YouTube, isso dá para fazer. 30 minutos de duração? Vou assistir na velocidade 2.0, assim, vai acabar mais rápido e me acalmar. Só que... amanhã eu tenho prova de matemática e biologia. E não estamos mais na pandemia, o que significa que não tem mais consulta. Vou ter que passar a noite inteira estudando ao invés de celebrar o dia das mães com a minha mãe. Ai que ódio dessa escola, que não pensa nos alunos e que me obriga a ter um ataque de ansiedade a cada dia. Pelo menos, não sou só eu. Meus amigos também estão assim desde que voltaram às aulas presenciais.

Eu era pequena...

Carolina Soares Domingos

Eu era pequena com uma sede enorme de ser grande e todas aquelas coisas de criança excitava ainda mais meu desejo infantil de crescer. Não queria ser como minha irmã adolescente ou como minha mãe mulher castigada pelo destino.

Queria ser grande como aquelas que tinham armário na escola, que não pegavam ônibus e não precisavam falar alto para se ter o que quer, mas naquela idade que todos já me chamavam de mocinha não conhecia nenhuma mulher dessa espécie, apenas as dos filmes e novelas, mas ainda aquelas se aventuravam no amor e sem nada voltavam.

Em certo momento aconteceu comigo também, tinha 13 para 14 anos, comecei a encurtar a saia da igreja, me pintar a cara e soltar as tranças do cabelo em que concentrava toda a minha ânsia infantil. De repente estava eu no espelho olhando para a menina pintada de gente grande.

Minha mãe repreende "em nome do senhor Jesus!", logo entendi que era a ele quem estava afrontando, mas eu, tão moça que era, e tanto da religião que conhecia, senti a culpa tomar-me. Voltei para o quarto em desespero recolhendo tudo aquilo que ofendia os olhos de minha mãe e quebrei com duros pisões e olhos molhados.

Pouco tempo se passou até que conseguisse tudo de volta, alguns até de melhor qualidade e novamente estava lá em frente ao espelho me fantasiando de mulher adulta. Na escola quase nunca ouviram minha voz, pouco falava, pouco pedia, nada sentia. Contudo, consegui uma amiga de pele escura e cabelo sedoso, gostava tanto daquela, mas suspeitava gostar ainda mais do seu irmão.

Um homem já feito, magrelo, alto, com a boca cheia de dentes brancos, queria-o para mim e todos os dias estava na casa dessa minha amiga, a gente ria que ria, até o momento em que seu irmão entrava na casa, sentia as veias carregadas de sangue congelarem e voltava a ser criança sem voz. Não demorava e me recuperava daquele sentimento medroso de que alguém houvesse descoberto minha farsa ou pior, que ele suspeitasse que era meu amante escondido.

À noite, escrevia-lhe cartas apaixonadas, decorava palavras difíceis do dicionário, separava as roupas menos surradas e esperava pela manhã, esperava para vê-lo em carne e osso. Percebi que ele nada queria de mim. Sempre que me via baixava os olhos e quando não conseguia fugir, dava-me um sorriso sem mostrar os dentes, eu distorcia os sinais de negação e fantasiava uma paixão secreta que ele deveria sentir por mim.

Naquela aflição de conseguir sua atenção, revelei para sua irmã a minha paixão secreta e novos caminhos se abriram para mim. Dias depois percebi que algo havia mudado, não era mais a esperança crescente que me fazia estar ali, agora era algo maior, eu podia sentir, podia quase tocar.

Distante. Ele estava distante em seus pensamentos no dia em que nossos olhos se chocaram e como quem finge não saber a verdade, cumprimentou-me pela primeira vez. Que criança infeliz! Agora penso eu, mas naquele tempo em que a ideia de amor me atravessava com pesar, o que mais poderia querer?

Então o natal chegou, meu corpo se aprumou e desistir de querer aquele homem, que nesse gosto odioso, agora em meus olhos, ele havia se transformado em um pedaço de homem mal formulado. Tinha lhe raiva por imaginar que, talvez, ele me

desejasse na calada da noite e que na manhã seguinte não me enxergava.

O natal chegou como uma luz em meio a escuridão e pela primeira vez, experimentei o amargo da tão esperada adolescência. O medo, ansiedade, alegria e histórias inventadas que faziam do meu mundo um palco exclusivo para mim.

Naquele feriado festivo, estive na casa da minha amiga apenas por ela, meus olhos já não brilhavam para seu irmão, estive lá somente para que eu e minha amiga disséssemos "feliz natal!" ao mesmo tempo.

Passei pela cozinha correndo, eufórica à procura de gelo para o refrigerante, e foi quando encontrei ali de canto, de cabeça baixa e olhos fundos, a pessoa responsável por me neutralizar. Ergui os pés à geladeira, segurei e a puxei colocando força, ele caminhou até mim, abriu um sorriso transparente e ofereceu-me ajuda para tal trabalho. Olhei para ele, aquele pedaço de homem ali, a poucos centímetros de encostar seu corpo no meu. A ideia que se passou em minha mente assustou-me o suficiente para ficar paralisada, tinha a sensação de ser um felino que engoliu uma bola de lã e estava prestes a vomitar.

Analisei o cômodo ao meu redor enquanto sentia seus olhos me perseguirem. Será assim que se sentem as jovens apaixonadas?

Voltei para casa às pressas, desorientada, carregando no rosto uma expressão de culpa e prazer, talvez a mesma sensação que um pirata tem ao conseguir encontrar o tesouro perdido. Penso eu que minha mãezinha sabia o tempo todo o que iria acontecer e temia ser a responsável por minhas atitudes de menina, e daquela noite em diante, seus olhos não me enxergavam mais, registrei em meu diário que recebi meu primeiro beijo na noite de natal e o último beijo de mamãe na mesma noite.

Ele

Marina Bernardino Rezende

Acordei e não tinha nenhuma mensagem, será que ele se importa comigo? Difícil ter que começar um dia já com o pé esquerdo, mas, mesmo assim sigo minha rotina pensando se ele está pensando em mim. Arrumo minhas coisas, organizo a casa e vou para o trabalho e, ainda assim, nenhum barulho de notificação sai do meu celular.

As coisas estavam tão difíceis, até que ele apareceu. Nós saímos, nos divertimos e vi nele minha salvação, era ele que faltava em mim e ele estava ali por um propósito. O tempo passou, e as coisas mudaram. Ele não era mais o mesmo, agora era um desconhecido com o mesmo rosto daquele que tinha me ajudado e me feito enxergar as pequenas coisas de outra forma. Mas eu não poderia desistir, foi ele, era ele e tinha que ser ele. Precisava dele ali comigo, e não poderia deixar ele se perdesse.

No trabalho tudo piora, tudo piora quando ele não está presente. O estresse aumenta e só penso em como ele ainda não me chamou. Acumulo minhas coisas e, o pouco que faço, não sei como deveria. Tudo acaba dependendo dele, e de como ele está disposto a me tratar.

A volta para casa é triste, entediante e muitas vezes chorosa. Chegando, não tenho vontade de fazer nada, de me cuidar ou de criar momentos para mim mesma. O básico parece muito maior, e só ele poderia ajudar nisso.

A hora de dormir é a pior, pensamentos tomam a minha cabeça: será que ele vai me mandar mensagem a noite? Será que ele gosta de mim?

Quando me deito, o celular apita. É ele. A ansiedade vai embora junto com a angústia, meu dia ruim acaba, e todos problemas também. Preciso dele e o que eu quero não importa mais, tudo vale a pena pelo mínimo.

16 paradas (mais ou menos)

Beatriz Santos da Silva

A maioria dos dias são meras distrações para mim, quando me dou conta, acabou. Cria-se então uma ansiedade à espera de outro, um próximo que normalmente passa tão rápido quanto, porque dificilmente cedo um segundo sequer da minha atenção a ele. A questão é que dias como aquele eram muito difíceis de serem ignorados e eu ainda tinha um longo caminho à minha frente. Digasse de passagem, há muito para se ver em mais ou menos 16 paradas.

Percebi a minha intolerância e amargura para com pessoas felizes demais quando uma moça belíssima e muito sorridente entrou depois da primeira parada, cheirava bem e segurava um buquê que parecia caríssimo, além dele ser quase maior do que ela, que já era alta, quase dramático se quer saber minha opinião.

Na parada seguinte, um casal quase é deixado para trás pelo motorista, observando a expressão em seu rosto de relance pelo espelho estrategicamente posicionado acima de seu assento, presumo que ele também esteja incomodado pelo dia levando em consideração a carranca que se forma em seu rosto cada vez que pombinhos apaixonados entram ou saem.

Não me desgastarei em comentar sobre o restante, nada mudou nas paradas seguintes, quando os românticos apaixonados não entravam no ônibus, os casais se abraçavam e trocavam presentes e todas aquelas flores ali de fora mesmo, como telespectadora, assistia meio a contragosto, sem me lembrar da última vez em que os papéis se inverteram e não era eu quem assistia à felicidade alheia. Eu odeio a estupidez que é o dia dos namorados.

Acontece que todo esse meu desgosto tem nome, quando finalmente passei em frente ao ponto onde a vi pela última vez, tive

esperança de que dessa vez ela estivesse lá por acaso do destino – outra coisa estúpida que não acredito nem um pouquinho sequer – E se ela estivesse lá, então as coisas seriam diferentes.

Eu poderia sorrir meio sem jeito e dizer que a parte ruim já passou e não teriam vezes como essa nunca mais, posteriormente, a diria um bocado daquilo que não pude antes porque as palavras ainda não tinham me vindo à mente para repeti-las à vontade, prometeria dias melhores, por que não? Há muito que se é construído em promessas e o que importa com essas é somente não as quebrar.

Nessas idas e vindas eu a encontraria mais vezes, pediria perdão pelo descuido, pela maneira como a vinha tratando nos últimos momentos em que estive diante de mim, falaria, enfim, sobre todos aqueles dias bons que citei anteriormente em uma das minhas repetições e ficaríamos bem. Finalmente, 16 paradas depois, eu já não sofreria mais, e, quando os dias passassem, até mesmo aqueles como esse seriam notados por mim, mas não mais com amargura.

O pedido!

Maria Eduarda de Andrade Pereira

Em uma noite estrelada, para ser mais precisa, de madrugada... Eu, quando criança, estava dentro do carro admirando as estrelas. Quase chegando em casa, escuto a seguinte frase:

— Filha, olha! Uma estrela cadente, faça rápido um pedido. Quem nunca ouviu essa frase, que atire a primeira pedra.

Como uma criança sonhadora, fechei os olhos e logo fiz o meu pedido. Hum... eu quero um irmãozinho. Pronto, fiz o meu pedido. Um tempo depois, (não sei dizer quanto), chega a tão esperada notícia.

— Lembra, filha, o que você pediu para a estrela cadente? Ela trouxe o seu pedido.

Só passava na minha cabeça: “Nossa, é verdade! O pedido se realiza mesmo”. E nove meses depois, o pedido chegou de verdade verdadeira. Bate a curiosidade. Quem será esse novo “boneco” que eu vou beijar, abraçar, morder, brincar e dar carinho? No começo, tudo era mil maravilhas, era um bebê que não entendia nada. O tempo passou, o bebê cresceu, tem vontades próprias, é maior que eu.

Hoje, não sou mais criança, mas toda noite/madrugada estrelada eu olho para o céu e sonho em ouvir a frase: “Filha, olha, uma estrela cadente! Faça rápido um pedido”. E a minha dúvida cruel é se eu faço um novo pedido, ou se eu reclamo por não ter feito antes um pedido com os principais detalhes: gostar de beijos, abraços e carinhos. É, não foi dessa vez... Mas tudo bem, eu me contento, foi o melhor pedido realizado.

Em um mundo compulsivo por sexo e erotismo...

Pamela Lorrany Ferreira Duarte

Em um mundo compulsivo por sexo e erotismo, a assexualidade se tornava despercebida, esmagada pela opressão incessante por desejo e prazer. A sociedade, muitas vezes, parecia incapaz de aceitar que existem pessoas que não experimentam a atração sexual da mesma maneira que as outras.

As vozes daqueles que se identificavam como assexuais eram abafadas, suas histórias e experiências minimizadas. Eles eram questionados e ridicularizados, como se sua falta de interesse ou desejo sexual fosse uma aberração ou um erro. A sociedade falhava em compreender que a assexualidade é uma parte válida do espectro humano, merecedora de respeito e aceitação.

Georgia, uma jovem assexual que vivia nessa sociedade excludente, sempre se sentiu deslocada, inapta a compartilhar o mesmo prazer que seus amigos tinham em relação a experiências sexuais. Mas a sociedade não entendia sua perspectiva e a pressionava a se encaixar em um molde que não lhe pertencia.

Cansada do apagamento, Georgia decide compartilhar sua história nas redes sociais, escrever artigos e fazer discursos em eventos. Ela educou aqueles ao seu redor, desmitificou assuntos e mostrou que a assexualidade não era uma falta de amor, mas sim uma diferente forma de vivenciá-lo.

A sociedade lentamente começou a se abrir para a assexualidade, embora a mudança fosse gradual. Começaram a questionar os padrões estabelecidos e a entender que a intimidade

não era apenas sobre o físico, mas também sobre a conexão emocional.

Georgia sabia que ainda havia muito a ser feito, mas por ser resiliente e ter uma determinação inabalável, continuou persistindo. Ela sonhava com um futuro onde a assexualidade fosse celebrada e respeitada, onde cada indivíduo pudesse ser livre para abraçar sua identidade única.

A sociedade pode aprender a escutar, respeitar e aceitar todas as orientações sexuais. Somente quando todas as pessoas forem verdadeiramente incluídas é que poderemos ser uma sociedade mais justa e verdadeiramente diversa.

Não é que eu seja uma consumidora compulsiva...

Quitéria Silva de Santana Feitoza

Não é que eu seja uma consumidora compulsiva, tipo aquelas que quando veem uma vitrine não conseguem se controlar, já vão logo comprando por comparar. Nem sabem explicar o motivo que as levou a fazer isso. Não, não sou assim!

Num sábado de inverno, um daqueles dias que você quer fazer algo diferente, mesmo num dia frio, principalmente, quando se tem dois filhos bem pequenos. Para mim foi um desses dias.

Eu disse:

— Querido, vamos passear com as crianças no centro da cidade e comer alguma coisa por lá? Estou cansada da rotina de fazer almoço todos os dias!

Os campineiros falam: “vamos pra cidade!”

— Ah! Vamos, sim! Fiquei feliz. Um dia sem ir para a cozinha...!

Sáímos de casa cedo. Chegamos ao centro um pouco antes das onze horas da manhã. Andamos um pouco, olhando as vitrines de roupas infantis e adultas.

As crianças estavam felizes, pois, iam comer lanche do McDonald's, tudo de bom!

Nesse vai e vem, de um lado para o outro da rua treze de maio, onde se concentra uma boa parte do comércio da cidade, vi uma vitrine de uma loja bem conhecida em Campinas e no resto do Brasil, que me chamou a atenção. Entrei só para pechinchar, como se diz. Nesse caso, quando não se tem a intenção de comprar. Esse tipo de cliente não agrada muito aos vendedores que trabalham por

comissão. Mas mesmo assim, fui corajosa, entramos na tal loja. Por ironia do destino, meu esposo disse:

— Amor, vou ao primeiro andar para fazer um cartão de crédito. Nesse momento meus olhos brilharam, mas não deixei que meu marido notasse qualquer indicio de que sua esposa...

Ele subiu e levou o filho mais velho junto. Enquanto eu fiquei com o menor.

A gente tenta não gastar, mas sempre é legal ter uma peça de roupa nova no guarda-roupa, pois, imprevistos acontecem, né? Às vezes, quando se quer ir a algum lugar, uma festa, por exemplo, e você não tem uma roupa nova! Ai, como se faz? Por esse e outros motivos, que eu gosto de ter uma peça novinha no meu guarda-roupa.

Eu segurava a mãozinha do Gabriel bem firme, para que ele não se perdesse dentro da loja. Sabe como é criança, né? Em um dado momento, vi uma arara com umas blusinhas tão lindas... Ah, vou olhar só uma... Não quer dizer que eu tenha que comprar. Olhei uma, duas, três. Até que ouvi gritos e uma correria dentro da loja. Choro de criança. Corri também para ver o que estava acontecendo. Ao chegar próximo à escada rolante, um menininho, aparentemente com uns dois aninhos de idade, tentando ficar em pé, mas não conseguia. Ele estava rolando na escada. Nesse momento quase morri, era meu filhinho. Comecei a gritar, chorar. Sorte que o segurança da loja, imediatamente, apertou um botão vermelho que fica ali perto da escada. Imagino que seja para esses casos de emergência. Sempre há uma mãe que se distrai ao ver uma arara cheia de roupas lindas.

Finalmente, o rapaz conseguiu apertar o tal botão, e a escada parou. Subi correndo para socorrer o meu filho, as minhas pernas tremiam. Os funcionários foram muito atenciosos comigo.

Conduziram-me a uma cadeira na qual me sentei por alguns minutos. Gabriel disse:

— Quer mamá, mãe!

Nesse momento, respirei aliviada. Ele estava bem! Depois de eu pegar o Gabriel no meu colo. Chegou uma mulher, com uma criança que parecia ter a mesma idade do meu filho, dizendo que era médica. Perguntou se podia examinar o menino. Eu disse que sim, pois ele estava com arranhões nos braços e nas pernas, menos no rosto. Depois do acolhimento, ela disse que ele estava bem e não havia quebrado nada. Fiquei calma, e me senti menos culpada.

Alguns minutos depois, meu esposo desceu do primeiro andar, onde tinha ido fazer o cartão de crédito que mencionei antes, trazendo o Luís Felipe no colo, assustou-se ao ver os machucados do pequeno Gabriel.

— O que houve? — perguntou ele.

Contei-lhe o que havia acontecido. Ficou bravo comigo.

— Você nunca viu roupas na sua vida? No guarda-roupa já não tem mais espaço para guardá-las, e você ainda quer mais?

Enfim, saímos da loja e fomos ao McDonald's, compramos os lanches para as crianças. Eu não quis nada, nem meu esposo. Depois fomos embora para casa.

Ao chegarmos à nossa casa. Fiz almoço, nossa comidinha de cada dia.

Ufa, que dia!

Procura

Giovana Miguel da Silva

Me perguntaram o que eu faço da vida, fiquei um tempo pensativa sem saber o que responder. “Eu ... procuro.” Procuo a paz, tranquilidade e a felicidade, estamos sempre à espera da calmaria em meio à tão amada rotina desgastante.

Em um único dia eu acordei e me arrumei, sai de casa e fui para um lugar distante aprender coisas novas, culpa de um sistema o qual estou inserida. Lá, convivo em grupo, socializo, dou risada e me distraio olhando a paisagem peculiar: pessoas que se enturmam e criam laços efêmeros.

Depois do período de estresse e identificação pessoal chega a hora do almoço, quando eu volto para casa tenho uma hora de breve descanso do corpo, mas a mente não para.

Parto novamente para longe de casa, dessa vez a culpa é do sistema capitalista. Nesse outro lugar é necessário socializar novamente, não consigo me distrair, há muito o que se fazer lá, a hora voa e quando olho no relógio a noite se inicia indicando que o instante de mudar de estabelecimento chegou.

O automóvel quase sem combustível me leva, chego com roupa confortável para fazer força, beber água e suar. Culpa da indústria da beleza, desse sistema de padrões que a sociedade nos pressiona a ficar em um local cheio de comparações.

Finalmente chega o momento de voltar para casa, as estrelas já brilham no céu, chegando no lar procuro o que comer, tomo banho e... descanso? Não ainda, é preciso se manter firme e realizar mais algumas atividades que o ofício do período da manhã deixa de lembrança, eu também não esqueço da família, e passar um tempo

com os moradores da casa se torna mais uma tarefa a ser cumprida diariamente.

Quando já está quase na virada do dia me deito com a cabeça no travesseiro, tento entender o porquê das coisas, por que procuramos tanto as coisas? Se elas já estão presentes em nossas vidas, escondidas entre uma risada e um café, entre acordar e ir para faculdade, entre o trabalho e a academia, no momento em que nossa música favorita toca no rádio e o tempo para, estamos vivos a todo o tempo.

A rua iluminada

Alice Mota Silveira

— Senhorita Gonçalves, que bom que chegou! O senhor Silva quer vê-la — disse a pequena secretária com seus óculos fundo de garrafa para a garota que havia acabado de chegar. Ofegante e suada, assentiu com a cabeça e se dirigiu para a sala do Senhor Silva, isso já estava se tornando rotina, bateu na porta e esperou que ele permitisse a entrada.

— Entre, Clara, entre — ele sorri gentilmente, apesar da situação. — Vejamos... Mais uma vez você aqui. Bom, esse é seu décimo atraso este mês, e eu não aguento mais dar advertências, então gostaria de saber o que faz você se atrasar tanto.

Clara respirou fundo antes de responder.

— Bom, senhor Silva, como você sabe eu moro longe daqui do prédio, e você compreende que o transporte daqui da cidade é muito ruim. Quando perco o ônibus, tenho de vir a pé e, bom, o caminho mais longo é mais iluminado.

— Mais iluminado... entendi. Mas me responda algo: por algum acaso a senhorita tem medo de escuro?

— Medo de escuro? Por que essa pergunta?

— Para você vir pelo caminho mais iluminado, tem de haver um motivo, e o mais plausível seria o medo do escuro, não é?!

— Não, o senhor não está entendendo. Se eu vier pelo caminho mais curto e menos iluminado, posso chegar a tempo, mas também posso nunca chegar, se o senhor me entende. Sabe o que pode acontecer com mulheres sozinhas em ruas desertas? — disse com preocupação e raiva na voz, não entendendo a brincadeira de seu chefe.

— Ora, a senhorita acredita em bicho-papão? O que mais poderia te atacar na escuridão em uma rua deserta?

— Por favor, senhor Jorge, diga que está brincando.

Já não aguentando mais os comentários que estava ouvindo, Clara pensava consigo: “como pode um homem velho assim não ter noção dos perigos do mundo?”.

— Não, Clara, não estou brincando – disse o Senhor Silva irritado pelo tom da subordinada. — O Matheus mora perto de sua casa. Ele também vem a pé. Sai ainda mais cedo que você e sempre chega no horário

— Matheus é um homem; eu sou uma mulher. Pode acontecer algo com ele, lógico, mas não com a mesma frequência que pode ocorrer comigo.

— Senhorita, me perdoe, mas eu não te entendo. Se não tem medo do escuro e não acredita em bicho-papão, qual é o problema? O que tanto te assusta que faz com que você não chegue no horário?

Muito cansada dessa conversa, Clara olha nos olhos do senhor Silva e diz com paciência:

— Senhor Silva, se eu tiver medo do escuro, o senhor vai mudar meu horário para mais tarde?

— Lógico que sim. Muitos não sabem, mas também tenho medo do escuro.

— Ótimo, então! Esse é o problema. Eu tenho medo do escuro. Posso chegar às 7 horas aqui. Algum problema?

— Nenhum problema, senhorita Carla. Só acho estranho todas as mulheres que não têm carro preferirem esse horário.

— Ah, senhor Silva, eu gostaria muito também de saber o porquê. Obrigada por me ouvir. Agora vou começar meu trabalho, se me der licença.

Sem esperar respostas, levantou-se e foi à sua mesa. Em seu pensamento, repetia a conversa que acabará de ter e se perguntava: será que ele nunca vai entender o porquê da rua iluminada?

Os nomes das rosas

Débora Silvestre Aguiar

Esta semana vi uma matéria num periódico on-line que falava sobre vários corpos de mulheres que foram encontrados na região dos países baixos, vítimas de assassinatos. Estavam tentando identificá-las, descobrir seus nomes — porque nunca se sabe realmente quem uma pessoa é até que se saiba seu nome. Nomes são o que permite que sejamos vistos e reconhecidos. Atestados de existência.

Raramente chamo as pessoas pelo nome. Chamo títulos, grito vocativos ou exclamações genéricas quando estão longe — só chamo nomes nesses casos quando penso que, do contrário, o esforço seria muito grande. Sempre chamei meu instrutor da autoescola de senhor, por mais que tenhamos chegado a um ponto em que ele me mandava links de aberturas de anime pelo WhatsApp, e eu lhe tenha dado mangás de samurai de presente. Nunca o chamei pelo nome.

Essa é minha versão do costume japonês que usa apenas os nomes por considerar rude chamar “você” diretamente. Usam últimos nomes com honoríficos, primeiros homens com honoríficos, apenas primeiros nomes e, quando finalmente poderiam usar “você”, não o fazem por força do hábito.

Eu, ao contrário, começo por não usar os nomes. Não tocar nos nomes é minha forma de não entrar à força nos templos de que não me abriram as portas — ou não entrar rápido demais quando elas me são abertas. Preciso de tempo para aceitar o que me é oferecido, não apenas para oferecer.

Nomes são importantes. Não acho que são dados por acaso — e se alguma vez são dados com displicência, me parece que Deus

se encarrega de que sejam escolhidos os corretos. Conheci diversas pessoas com nomes pouco usuais — e até que, peço perdão, estranhei à primeira vista, mas que não consegui desvincular delas depois. Não consegui pensar em outro nome que abrangesse tão bem quem eram. Conheci um menino chamado Pedro Yuri uma vez. De cara, não entendi a combinação. Não entendi de onde tinha vindo o Yuri. Até que um dia ele me contou que tinha descendência ucraniana, e daí foi o Pedro que não fez sentido. Mas o metro e noventa de altura e os olhos azuis enormes com certeza fizeram. Mas os dois nomes — juntos, exatamente dessa forma — mostravam exatamente quem ele era. Atestados de existências atuais e passadas.

Também conheci pessoas com nomes iguais que eram totalmente diferentes. Tive dois professores chamados João Paulo — inclusive, os dois apelidados de JP pelos alunos. Um tinha olhos claros, cabelos castanho-claros, usava cavanhaque e era forte apesar de baixo, e me deu aula de química e trigonometria no ensino médio. Tinha um mestrado em “Estudos dos Números Reais” ou algo do tipo. O segundo tinha olhos e cabelos escuros, não usava barba e me deu aula de Letramentos de Língua Portuguesa na faculdade. Escrevia livros, contos e crônicas, tinha inclusive prêmios por causa disso. Ambos João Paulo. Nomes são sempre individuais apesar de tudo.

Corpos são receptáculos de quem somos, matéria que adaptamos e enfeitamos para que as pessoas vejam quem somos. Os nomes são para que nos chamem quando não podemos ver — e para que nós, fechando os olhos, possamos abrir as portas dos templos e convidar aqueles que escolhem ver dentro de nós. *Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus.*

Um dia de uma história

Stella Maris Souza Ferrari

Era uma manhã ensolarada de um sábado comum. Eu havia acabado de chegar à cidade grande de São Paulo e estava ansiosa para descobrir tudo o que ela tinha a oferecer. Peguei meu mapa, minha garrafinha de água e saí para caminhar. A primeira coisa que notei foi o barulho incessante. Carros buzinando, pessoas conversando alto, sirenes de ambulâncias, toda uma sinfonia urbana que me deixou tonta no começo, pois não estava habituada. Mas aos poucos me acostumei, e eventualmente aprendi a apreciar a música presente nesses ruídos.

Segui apressada pelas calçadas, observando as vitrines, as pessoas indo e vindo, os cheiros da cidade. Descobri os parques, onde pude ver pessoas passeando com seus cachorros, famílias fazendo piqueniques e jovens jogando bola. Eram espaços verdes cercados por arranha-céus e prédios modernos, uma mistura interessante de natureza e concreto. Também visitei atrações turísticas, como museus e monumentos históricos, e aprendi mais sobre a cidade e sua rica história.

Entre ruas largas e estreitas, havia uma pequena padaria que se destacava por seu cheiro irresistível de pão fresco. Muitas pessoas que passavam pela avenida principal se deliciavam com o aroma e não resistiam em entrar para comprar um pão ou um croissant. Me deparei com uma livraria, localizada logo ao lado, no centro da cidade. Ali dentro haviam mundos inteiros a serem explorados. Livros de aventuras, romances, ficção científica, história, poesia, religião e autoajuda. Não importava o gênero, todos os gostos eram atendidos.

Lá era tudo pacífico e silencioso. Os sons apenas vinham das páginas sendo viradas, respiros suaves e alguns sussurros de leitores curiosos compartilhando suas novas descobertas. As cores das capas acendiam à luz do ambiente, os títulos despertavam as emoções e os autores ganhavam vida por meio das palavras. Havia algo reconfortante no cheiro das páginas antigas e novas, algo aconchegante em se sentar em uma poltrona macia, com o sol da tarde entrando pela janela e uma xícara de café ao lado.

Pude perceber que a livraria era um lugar de refúgio e escape para muitos. Comunicar-se através da leitura é uma língua universal que todos podem falar, basta apenas encontrar o livro certo. Assim como somos guiados a fazer com nossas próprias vidas no decorrer de nossa história. Na maioria das vezes não sabemos como serão as coisas, nem por onde começar. No entanto, é preciso que façamos algo por nós mesmos em primeiro lugar, pois, dessa forma, até os pontos finais se tornam vírgulas para novos começos, novas jornadas. Assim como essa minha e provavelmente alguma sua também.

Era uma vez uma cidade pacata no interior...

Maria Fernanda de Melo

Era uma vez uma cidade pacata no interior, onde o tempo parecia passar lentamente em suas ruas de paralelepípedos. As casas simples e antigas carregavam histórias de anos antes da chegada de Amélia.

Naquela cidade, havia diversos sítios e fazendas, agricultores e criadores de gado, entre outros animais. As pessoas vivem suas rotinas, onde as mulheres cuidam da casa e os homens trabalham no campo, algo arcaico na visão de Amélia. Felizmente, Amélia não mora realmente ali, ela apenas vinha visitar seus avós de tempos em tempos.

Porém sempre que vai embora, ela sente saudades de sua eterna companheira, Katrina. Sua primeira Égua, com a pelagem avermelhada igual ao cabelo de sua dona. Amélia a ganhou quando tinha apenas dez anos e elas compartilham o amor por hipismo. Infelizmente, Katrina não pode acompanhá-la até a cidade grande, pois a égua não caberia no seu apartamento de dois quartos.

O sonho de Amélia sempre foi participar de competições profissionalmente, mas sua família nunca apoiou. Apesar deles estarem dentro do ramo, participavam mais de provas como três tambores e laço. A menina nunca teve uma pista de verdade para treinar, sempre improvisou seus saltos com troncos e cercas, e também nunca criou coragem de tornar seu sonho realidade. Ela pensava que com dezoito anos já era velha demais para começar em algo tão complexo.

Até que um dia, caminhando pela praça central da cidade, notou um cartaz preso a um pilar. Era um anúncio de uma primeira prova de hipismo naquela cidadezinha. Havia entusiasmo em seus olhos verde musgo e seu coração disparou. Esta era a oportunidade perfeita para realizar seu sonho.

Amélia correu para casa e contou a sua mãe e avós. Como seria algo simples, já que não era uma competição de hipismo das grandes, eles pensaram que não haveria mal algum. Ela discou o número rapidamente com as mãos trêmulas e levou apenas alguns minutos para concluir sua inscrição, passando seus dados e de sua égua. Para Amélia, depois daquele momento, sua vida mudaria para sempre.

Amor em CD

Laura Domingues de Souza

Era um pequeno sebo localizado no centro da cidade, que quase passava despercebido na rua, cercado por altos prédios e lojas cheias de gente, barulho e promoções. Não servia sequer para ser chamado de concorrência, mas era repleto de histórias encadernadas, a maioria em papéis amarelados pelo tempo, e melodias antigas esperando para serem escutadas.

Todos os meses, uma jovem de 21 anos adentrava aquele recanto nostálgico em busca de um CD especial. Um encontro regular, sempre com a mesma rotina e um único item adquirido. A vendedora daquele lugar, uma mulher de meia-idade com olhos curiosos, não demorou a notar o hábito peculiar da jovem, que aparecia no sebo somente uma vez por mês, sempre no início. Ela se perguntava qual seria o mistério por trás daquelas idas e daqueles CDs tão singulares – todos sempre de ótimos títulos, escolhidos com bom gosto, diga-se de passagem. Movida pela curiosidade e desejo de uma conexão, decidiu, finalmente então, saciar sua inquietação.

Em um dia, em uma de suas visitas, quando a garota estava prestes a concluir sua compra habitual, a vendedora não se conteve e sem pensar muito, perguntou: "Desculpe a intromissão, mas por que você nos visita sempre uma vez por mês? Por favor, não leve isso como uma reclamação! Adoro te ver por aqui e agradeço a preferência em nos escolher para suas compras, mas por que apenas um CD e somente CDs, nada mais? Existe algum motivo específico?". A garota sorriu gentilmente e compartilhou sua história, que adorava contar. Explicou que aqueles CDs eram seus presentes mensais de aniversário por mais um mês ao lado de sua amada. Elas compartilhavam momentos preciosos juntas enquanto

dirigiam com ou sem destino dentro do carro da namorada, já que o rádio dele tocava apenas CDs. Assim, a cada mês, a garota achava de bom tom – e que seria um presente útil, buscar um novo álbum para embalar seus momentos especiais.

A vendedora ficou encantada com a beleza e simplicidade daquela história de amor. Ela encontrou um significado poético no gesto singular daquela garota, que demonstrava seu amor mensalmente através da música. A mulher enxergou pureza naquilo e como esse ato simbolizava o amor genuíno e a conexão entre duas pessoas. Porém, os dias se passaram e no mês seguinte, a garota não retornou ao sebo. A vendedora ficou preocupada, imaginando que algo triste poderia ter acontecido. E assim foi, um... dois... três longos meses se arrastaram sem notícias da jovem apaixonada, deixando-a com um vazio no peito.

Então, no quarto mês, a jovem garota apareceu novamente no sebo. Dessa vez, ao invés de adquirir apenas um CD, ela chegou ao caixa com quatro de uma só vez. A vendedora ficou imensamente feliz, sentiu-se aliviada e ao mesmo tempo curiosa. Abriu espaço para que a garota compartilhasse sua história e seus sentimentos. Com um sorriso tímido e um olhar um tanto quanto melancólico por verbalizar as lembranças, a garota revelou que ela e a namorada haviam terminado, vítimas de desentendimentos, medos e preconceitos. No entanto, o tempo que passaram separadas revelou algo importante: elas deveriam ficar juntas. A ausência fez com que percebessem o quão forte era o amor que as unia e que ele superaria qualquer adversidade.

A vendedora escutou tudo atentamente, com empatia, e um brilho de esperança acendeu em seu olhar e, apesar do momento passado triste, sentia-se alegre pelo agora juntamente com a garota, por tudo ter ficado bem. Aquela história de amor não era apenas

sobre duas jovens amantes, mas também sobre o poder do amor verdadeiro. Era a personificação de uma narrativa que desafiava os preconceitos que muitas vezes tentam separar almas gêmeas destinadas a ficarem juntas. A mulher, com admiração e orgulho, disse à garota que ela era uma inspiração. Sua coragem para enfrentar os desafios e lutar pelo amor deveria ser aplaudida em si, celebrada a cada novo mês. Viu no compartilhamento dessa história, uma mensagem de esperança e união.

E assim, a mulher saiu de trás do balcão para se encontrar em um abraço com a jovem garota. E, emocionada por ter sido parte daquela história que se fortaleceu em meio à adversidade, sussurrou em seu ouvido que elas jamais deveriam ter medo do amor. Naquele abraço, havia um reconhecimento mútuo de que o amor sempre encontrará uma maneira de prevalecer, não importa os obstáculos que se apresentem.

Aquele pequeno sebo tornou-se um lugar de encontros e inspiração, onde histórias de amor floresciam e os preconceitos eram desafiados. E a vendedora, através de suas palavras e ações, tornou-se uma aliada incansável do amor em todas as suas formas e de tantas outras garotas e garotos que passaram a frequentar aquele lugar em busca de lembranças para seus amores após aquela moça, espalhando a mensagem de que o amor merece ser sempre celebrado e apoiado.

Já a garota e sua namorada continuaram a nutrir e fortalecer seu amor através de bons momentos e belas canções. O sebo continuou a ser o ponto de encontro entre ela e a mulher e berço para a descoberta de novas músicas e cantores, por muito tempo ainda. Sempre ia atualizando sua nova amiga a respeito do seu relacionamento e prometera que faria o encontro entre ela e a namorada acontecer o mais rápido possível. Já nos passeios de carro entre o casal, era onde as juras de amor eram renovadas, os CDs

novos eram entregues e, imediatamente, postos para tocar, onde os beijos apaixonados eram dados e onde as únicas testemunhas a respeito do calor que era trocado entre os corpos nas madrugadas, eram os bancos do carro. Todos esses momentos especiais marcados por alguma canção ao fundo, encarregada de ser a trilha sonora de suas vidas. E as duas apaixonadas sabiam que o tempo afastadas só fez com que o amor continuasse a crescer, ao mesmo passo que a coleção de CDs.

Isquentô, né?

Guilherme Cruvinel Fonseca Maia

É certo que, quando se trata de clima, não existe um consenso entre os que sofrem suas consequências. Nunca vi um tópico tão inofensivo dividir opiniões como esse. Os amantes do calor, na queda mais mísera dos graus Celsius, já se aprontam a amaldiçoar qualquer entidade que possa ter uma parcela da culpa do recesso de seus ventiladores. Os amantes do frio, tão distantes da realidade quanto o primeiro grupo, jamais vão aceitar que suas melhores roupas só são adequadas a uma temperatura específica ou que, num país tropical, mal se pode dormir de coberta por mais do que um quarto do ano.

Eu poderia dizer que faço parte do escasso meio termo daqueles que desejam por um clima demasiadamente agradável, esperam pelo clima que não suportam, e aceitam o clima que recebem, sim, poderia. Mas não, afinal, estaria mentindo se o fizesse. Eu sozinho lideraria uma revolução armada contra Apolo, se pudesse, amenizaria à força do ódio a intensidade dos raios ultravioletas no Trópico de Capricórnio, restauraria a camada de ozônio ou aceleraria o processo de resfriamento do Sol em bilhões de anos, ameaçaria toda a raça humana com o simples propósito de remover uma única unidade de seus feixes do meu caminho. Francamente, arriscaria dizer que mesmo, não sendo o maior amante do frio, resigno do pódio nesta categoria, com toda a certeza recebo a medalha de ouro na categoria de repúdio ao calor. Nesta ainda está pra nascer um outro campeão.

Claro que só professo toda essa braveza, porque meu maior inimigo é uma estrela distante; se fosse um oponente realista, eu provavelmente me absteria da luta, como um cão velho que ladra e

é incapaz de morder. Mas só de pensar nas múltiplas vezes em que meu espírito entrou em ebulição e eu pude sentir, quase assistir, a evaporação da água do meu corpo; nas vezes que desejei arrancar minhas roupas em público mesmo já estando de regata e chinelo; naquelas outras em que falhei em lembrar de carregar minha mochila com desodorante; ou então naquelas em que ansiei por uma piscina mesmo mal sabendo nadar... Só de pensar nesses eventos tão mais comuns do que o doce abraço do frio, minha alma ferve, figurada e literalmente.

Em cada uma dessas situações desconfortáveis não consigo deixar de transparecer minha inquietação. Muitas vezes não deixo de declarar que não suporto uma temperatura acima de sessenta e oito Farenheits. Até mesmo quando não tenho colegas pra ouvirem meu desaforo, ainda é visível em meu semblante que algo dentro de mim está profundamente errado. E nas poucas vezes que aparento estar enfermo, mesmo só estando com um calor indescritível, e me encaram ou me abordam, não consigo deixar de pensar na possibilidade de estar em contato com um amante do calor. Sem outras opções além de fingir, apesar da vontade de listar todos os prós do frio e os inúmeros contras do calor ao primeiro desavisado, contento-me com um simples “Isquentô, né?”, e este papo furado protege os ouvidos alheios de ouvirem meu discurso carrancudo.

O mar

Ana Paula Tomicioli

Eu não sei nadar, ninguém nunca me ensinou a nadar. A primeira vez que eu vi o mar eu já era velha, mas ainda era tão pequena, e ele era milenar e com inigualável imensidão. Nunca entendi o mar, mas ele era o meu fascínio, porque ele em si nunca fez a menor questão de entender ninguém, e mesmo assim, todo mundo parava para ver sua beleza que dependendo do dia podia ser serena ou perigosa.

Sem saber nadar eu fui ao mar, de primeira fui com passos tímidos, mas a curiosidade foi me levando para frente de uma maneira quase tão forte quanto a própria ressaca. Quando vi não dava mais pé, eu aprendi a boiar, a ser um ser minúsculo que faz parte de uma infinidade.

Tomei caldos, tossi, cuspi água salgada para fora, permaneci viva, fiquei feliz por isso, voltei a boiar, repeti todo ciclo.

Já estava dando o final do dia e o Sol estava abandonando a praia de novo, acho que já estava desistindo do mar e queria ir para casa.

Já tinha me dado conta o suficiente da minha pequenez, tinha lembrado que não sabia nadar, tinha lembrado de ter medo do mar, de que ele não iria ter pena de mim e de que ele não tinha pena de ninguém, era ele o imenso e milenar e que não fazia questão de ninguém. E eu me resumia apenas em mim mesma: pequena, inexperiente, inocente, náufraga e correndo perigo de afogamento.

Começou o meu afogamento, meu Deus como eu me debati e implorei por salvação, no desespero vi alguns banhistas, no fundo tinha certeza de que eles me viram e guardei no meu coração que todos sabiam nadar, nenhum deles me ajudou, mas todos olharam.

Por milagre eu tinha amigos na areia, amigos que me disseram para não ir muito longe e eu desobedeci infantilmente, eles me tiraram da minha inimiga obsessão, sai do mar. Tomei uma ducha de chuveiro, água doce sem sal da boca, me senti mais viva do que em pós caldo, me senti limpa sem sal na pele.

À noite, antes de dormir, me lembrei do trauma, chorei lágrimas salgadas, resquício do que vivi. Passei anos sem voltar a praia, olhava ela só pela televisão. Teve dias que senti saudades do infinito, teve noites que acordava gritando lembrando do dia que o mar quase definiu o meu fim.

Cansei do meu trauma, me inscrevi em uma aula de natação, aprendi a nadar e voltei ao mar.

Entrei, nadei, fui um ser minúsculo que faz parte de uma infinidade, tomei caldos, tossi, cuspi água salgada para fora, permaneci viva, fiquei feliz por isso, voltei a areia, repeti todo ciclo.

Talvez eu renasça em outra vida como um peixe, uma água viva ou até um coral. Não sei se o mar faz questão deles também, não sei se ele com os seus moradores é gentil. Mas pelo menos, eles não perdem o ar quando ficam muito tempo imersos na sua imensidão.

Invenção do tempo

Giovanna Landim Carsa

O tempo é o inimigo mortal dos atrasados. Já reparou nisso? Quando estamos atrasados, o tempo parece passar mais rápido. E não me diga que estou louca, (e) que o tempo é apenas um período contínuo no qual os eventos se sucedem, porque sei bem o que falo.

Quando saímos de casa tarde e pegamos o único ônibus naquele horário que nos leva ao nosso destino, por um determinado preço, parece que o motorista propositadamente demora ainda mais. Parece que todas as pessoas do mundo decidem pegar o mesmo ônibus em que o atrasado se situa, como uma forma de zombaria, deixando o coitado em uma agonia eterna e a beira de uma síncope.

Ou então mesmo quando o atrasado se organiza com um roteiro, onde há todos os lugares, afazeres e horários programados. Devido a um atraso de dois minutos, todos os planos são mudados. Coitados dos atrasados perfeccionistas, dos atrasados com transtorno do déficit de atenção, dos atrasados sem noção de tempo e espaço, dos atrasados simplesmente atrasados.

Tempo é a duração dos fatos. Que fatos? Os meus fatos, os seus fatos ou os fatos das pessoas do outro lado do mundo? Quem definiu o que é tempo? Quem definiu que o meu tempo é igual ao seu tempo? Ignorantes e arrogantes são as pessoas que decidiram isso, e certamente não se preocupam com atrasados como eu. Ou com qualquer atrasado que tenha existido e ainda exista neste mundo de possibilidades.

Mas com certeza, não são possibilidades que sequer são consideradas para os atrasados.

notificação

Giulia Maia Guimarães

“É feriado, nem adianta me chamar pra sair porque minha agenda tá cheia”, foi isso que pensei na quarta. Já era sábado, faltando poucos minutos para o domingo, e eu ainda não tinha feito nada. Então resolvi fazer algo daquilo tudo, algo que eu sabia que faria direito e que faria/teria bom proveito no fim: um café bemquentinho.

Afinal, uma mente mal-acostumada a estar descansada não merecia a tortura de mais uma insônia corriqueira, não é mesmo? Era bem melhor que ficasse acordada por completo até o dia seguinte inteiro com a ajuda de um estimulante, estou errada? Ótima ideia, pensei. Optei pela máquina porque seria mais rápido. Abri o armário e peguei a primeira caneca que vi.

Coloquei a caneca abaixo da cafeteira e apertei o botão de iniciar. Lembrei-me de um trabalho que tinha que entregar logo na segunda. O som dos grãos sendo triturados marcou território de forma ensurdecadora. O seminário de quarta me assombrou, ainda tinha que rever as minhas falas. A água fervente começou a escorrer junto ao pó. Me veio à mente a prova de quinta. A máquina apitou, indicando que havia acabado seu serviço. Pelo menos, alguém tinha a capacidade de finalizar o seu serviço por completo.

Sem pressa, voltei ao meu quarto, já encarando o computador com mais de seis barras de pesquisa abertas enquanto um documento em branco me encarava de volta: o trabalho para segunda. Sentei-me na mesa e, entre um suspiro de derrota e outro, meu celular se acendeu com uma notificação. Já passava da meia-noite.

Era o Carioca, meu amigo e companheiro desde que me entendo por gente, dos fogos de artifício e das taças de champanhe assim que a contagem regressiva zera, ao som de MPB cantado junto à orquestra das ondas do mar. A mensagem era simples e um tanto aleatória.

Qual é o seu sonho?

“Passar neste semestre”, pensei em responder, cansada. No fim, respondi que queria saber o que quero fazer no futuro. Ia entrar em detalhes sobre como eu venho nesses últimos tempos descobrindo caminhos para mim que nunca tinha pensado antes e que tem sido muito bom até então, mas ele não merecia ouvir todo o blá-blá-blá de uma pessoa perdida e claramente confusa com as possibilidades infinitas da vida.

O meu sonho é ter uma van pra morar.

Achei engraçada a forma como interpretei a pergunta em relação a ele. Imagino que ele não achou que o tom da sua pergunta fosse tão filosófico, como respondi, mas o estrago já tinha sido feito. “É um bom sonho”, enviei em seguida.

E ser escritora?

Aquilo me pegou desprevenida, assim como a mensagem. Ver alguém reforçar decibéis a uma palavra que já não passava de um simples sussurro pra mim, quando pensava no meu futuro, quando pensava no meu sonho, me fez sorrir sem perceber. Ele realmente me conhece melhor do que eu mesma.

Sim.

Tô vendo ainda.

Ok.

Boa noite.

A resposta foi um pouco seca para quem havia acabado de perguntar sobre o meu sonho em plena virada de um sábado para domingo, mas achei melhor apenas ignorar esse fato. Já tinha coisas menos interessantes, mas mais importantes para pensar sobre. Finalizei a conversa num cópia-e-cola e desliguei a tela. Agradei, silenciosamente, por ele ter me mandado aquela mensagem. E desejei que alcançasse seu sonho, claro!

Bebericava meu café, já morno, enquanto abri um bloco de notas digital. Coloquei lá, listado, tudo o que prometi fazer no feriado, naquele ponto, mais do que passado: finalizar o trabalho, estudar para a prova, revisar as falas do seminário e ainda dar conta de mais algumas tarefas do fim do semestre. Depois, distribui todas em um calendário semanal. Um aviso apareceu na tela.

Você tem 24 horas até o seu próximo compromisso.

Fechei o computador. Minha agenda continuava cheia e amanhã já será segunda-feira.

Thamira in Paris

Thamara Lopes Pereira

Mais uma vez estava eu vendo aquela série viciante. Romance, sonhos e reviravoltas são uma espécie de efeito bis na mente, impossível consumir uma vez e pronto. Aliado a isso, a cama me chama pro conforto com as cobertas e os snacks ao lado. Tudo para que eu continue ali. Faço isso um dia, dois, três, quatro... Quem nunca maratonou uma série até acabar a temporada?

Ansiosa por todos os desfechos da trama, meu corpo começou a sentir algo diferente: minhas costas e olhos doíam, e meu cérebro só pensava naquelas cenas forjadas. Mesmo com uma sensação estranha, continuei consumindo.

Um dia, eu despertei. O episódio que atçou o gatilho foi quando Emily Cooper estava vivendo o romance que ela queria com Gabriel. E me veio à mente o quanto *eu queria viver aquelas aventuras e estava presa nas cenas ensaiadas de uma persona inventada*. Meu corpo doía, minha mente parecia estar atrofiada e eu não queria mais viver assim... queria algo a mais. Queria Paris e Inglaterra. Queria fazer o que amava. Queria colecionar história. Queria ter saúde.

Então, comecei a produzir minha vida fora da série. As mudanças chegam com o sentimento de querer transformar todas as coisas e fazer tudo diferente. Mas, às vezes, a mudança é fazer o mesmo de sempre. Arrumar minha cama, estudar, comer, tomar água, admirar o céu, formar valores, tomar mais água, perdoar e esquecer tudo aquilo que me leva a lugar nenhum. Esses hábitos me trouxeram de presente a faculdade que amo, amigos, saúde e um parceiro de vida. O mais corajoso dos atos ainda é pensar com a própria cabeça, já dizia uma sábia francesa, e com isso ter liberdade pra ser quem você realmente quer.

Nas duas primeiras semanas do mês de junho...

Pedro Henrique Gaspar

Nas duas primeiras semanas do mês de junho, surgiu uma grande polêmica na internet, e se vocês, meus caros leitores, estiverem se perguntando o que aconteceu, irei falar e expressar um pouco da minha humilde opinião. Ocorreu um grande “bafafá” por causa da Blaze, o maior cassino virtual da América Latina, o qual, aparentemente, segundo algumas centenas de denúncias, estaria “roubando” dinheiro de seus apostadores, o que, na minha opinião, é uma atitude coerente quando se trata de um cassino. As pessoas que utilizam dessa entidade para ganharem dinheiro já deveriam ter ciência de tal risco.

Esse emaranhado de notícias e denúncias ganharam força quando Daniel Penin, empreendedor e youtuber brasileiro, publicou um vídeo no seu canal denunciando o cassino online e investigando esse esquema, que não é criminoso, pois existem brechas das quais a Blaze está utilizando, entretanto, passa muito longe de ser algo ético. No seu vídeo-denúncia, de um pouco mais de 30 minutos, o empresário e influenciador diz que a Blaze opera virtualmente no Brasil, enquanto sua sede está localizada em Curaçao, uma ilha holandesa no Caribe conhecida por ser um paraíso fiscal. Logo em seguida, Daniel Penin apresenta provas das fraudes que ocorrem dentro da plataforma online. O principal exemplo dito é o seguinte: um influenciador digital patrocinado pela Blaze oferece um código, seus seguidores se cadastram na plataforma online através desse código e já vão para as apostas, e sempre que os apostadores perdem no jogo, o valor perdido vai para o influenciador

patrocinado como uma espécie de “comissão”, além do dinheiro que foi oferecido para fechar o patrocínio.

Me perdoem, meus amigos, por essas contínuas redundâncias, mas eu apenas queria exemplificar a polêmica de maneira breve e espero que vocês tenham conseguido entender como esse esquema pouco ético e nada criminoso funciona. A maioria da divulgação disso tudo foi como se isso fosse algo para uma renda extra, você não precisaria ter dois empregos como o Julius, pai do Chris, apenas ficar alguns minutos na frente do seu celular ou computador para se tornar milionário e possuir dois carros, um helicóptero etc. Quem disse que você iria precisar perder tempo com 4 ou 5 anos de faculdade? É só inserir uma quantia no “robozinho”, na Blaze e “Bets”, ou simplesmente “arrastar para cima” e adquirir o curso de “Como se tornar um bilionário ficando sentado no sofá e esperando o dinheiro cair do céu com apenas um clique!!”

Para mim, meus amigos e colegas, essa ideia sempre foi uma idiotice — me desculpem pelo palavreado nada agradável — e ela é disseminada pelas redes sociais. E tem paspalho que acredita. O pior, acho eu, não é o paspalho ter fé que vai ficar rico sentado e sem esforço, na verdade, o pior é o nosso querido paspalho acreditar no influenciador que ele admira, sendo que, na verdade, esses personagens enganam os outros. Isso de fato me deixa indignado, além da hipocrisia. Não que eu não seja hipócrita, queridos leitores, pois, talvez, só de escrever o parágrafo anterior, eu tenha sido um.

Porém, o que está acontecendo é o conto do Robin Hood do multiverso invertido: eles estão tirando dos pobres para darem para os mais ricos, ou melhor, para os influencers e celebridades. Tudo vira um dominó, por exemplo o caso da Blaze, que estou comentando. O paspalho aposta tudo que tem e perde tudo, acaba ficando pobre, tudo por causa do influencer que falou para ele

“investir” porque era uma “renda extra” e o dinheiro acaba indo para a webcelebridade, aquele mesmo personagem que é contra o acúmulo de capital, mas é o que mais acumula e ainda com dinheiro dos outros e principalmente do pobre que sonha em ser rico. Eles não passam de Hood Robin (tentei fazer um trocadilho, meus amigos, e espero que tenham entendido).

Esperto é o dono desse esquema todo, ele ficou rico fazendo operações ilegais dentro da lei e ninguém sabe quem ele é. Essa entidade é totalmente anônima. Ele sim é esperto e sabe ficar rico, e tem alguns que falam que a honestidade e ética compensam. Pessoalmente, não sei como o dono de todo esse esquema consegue dormir sabendo que está enganando os outros.

Enfim meus caros leitores, resumo da história: não apostem em lugar nenhum e muito menos na Blaze, não existe dinheiro fácil e nunca vai existir. Por fim, não acreditem nos *stories* que vocês olham no Instagram e nem na postagem de um cara bem-vestido, com carrão e uma mansão, porque é tudo alugado. Obrigado por lerem um pouco da minha indignação, que surgiu com essa notícia da Blaze. Novamente, caros leitores e amigos, obrigado.

Sempre admirei quem fosse bom com os números...

Sophia Gobbo da Cruz

Sempre admirei quem fosse bom com os números. Na escola, vários alunos somavam e dividiam com uma rapidez de dar inveja e, de fato, me causava vertigem não ser naturalmente boa, a única coisa que me restava era estudar horas e mais horas para tentar me fazer inteligente.

Tanto estudo, ao menos, me deu o mínimo de dignidade, a lógica da escrita é diferente da lógica matemática e eu sempre achei engraçado o fato de que não importava o quanto você soubesse de história, filosofia, gramática e afins, se o indivíduo não soubesse fazer uso dos catetos ou a soma dos vetores, de nada valia.

Há na sociedade um estigma acerca das humanidades, a pessoa inteligente nunca é boa em geografia, história ou música, mas aquele gênio matemático, físico ou químico, existe uma certa superioridade dos números em relação às letras e, nesse sentido, tentei me fazer a vida inteira algo, também, superior.

Pouco consegui, os números sempre foram os meus problemas e eu tentava a todo custo acertar a resposta, porque nenhuma nota trazia mais elogios que um dez em física ou matemática, ainda assim, me parece que até dentro desse mundo existe uma hierarquia.

Quando os meus anos escolares chegavam ao fim eu percebia que todos os meus colegas tentavam se fazer algo relevante nesse mundo, se você gostava de ler e escrever deveria fazer direito, se gostava de números o melhor seria engenharia e se gostava das

ciências naturais deveria se arriscar na medicina ou quem sabe fazer carreira científica.

Também eu deveria me fazer algo, mas me canso, a sociedade pouco mudará, o melhor é seguir fazendo o que se gosta com pouco ou muito dinheiro, com holofote ou sem holofote, por fim, acredito que ainda irão continuar a me olhar com pena ao dizer que me apraz o ensino e a educação.

Por que gosto mais de Taylor Swift do que de Oscar Wilde

Isabela Ortega Nicioli

A Vossa Escritoria, Sr. Wilde,

Isso não é uma carta de ódio. Tampouco é uma carta de fã. Tentarei me posicionar de alguma forma entre os dois extremos, mas me perdoe se falhar. Não tenho uma seção extensa em “Obras do Autor” no Google, como é vosso caso. Mas venho por meio desta missiva expressar meu descontentamento, assim como o senhor e tantos outros autores me asseguraram o direito de fazê-lo.

Há quem diga que a arte não deve estar a serviço de uma causa. Ora, seu Oscar, eu lhe pergunto: defender que arte deve ser de tal maneira já não é defender uma causa? Mas deixemos a denúncia social para os Realistas; o senhor defende a “Arte pela Arte”. O que importa é o canto inspirador dos pássaros e seus rodopios no ar, perpendiculares ao pensamento de um filósofo e espiralados demais para um cético, como palavras capturadas na ventania da mente e transcritas em folha branca. Não é isso que diria? Eu não saberia dizer. Escrevo sobre o que sinto, porque é o que eu sei escrever. Talvez falte a mim a valorização da perfeição estética da língua, e ao senhor um psicólogo.

Sei que não sou ninguém perto de Oscar Wilde, afinal não tenho uma página dedicada a mim no Google (é a segunda vez que o menciono: Google é um lugar onde o senhor poderia *procurar* imagens de jardins em vez de descrevê-los, imagine quanto trabalho lhe seria poupado!) e que os superentendedores da Literatura diriam que sou apenas uma garota que não sabe do que está falando. Mas

quem são eles para julgar? Mary Shelley era tão mulher e jovem quanto eu quando escreveu Frankenstein.

Inclusive, se vir Mary Shelley flutuando por aí no plano espiritual de escritores clássicos, diga que sou muito grata por toda a contribuição cultural e que sua criatura, apesar de um pouco alterada pelo cinema, estabeleceu-se de forma atemporal – assim como o homem que definha em frente ao retrato, o senhor também deve saber. Mas sou muito ingrata a ela por ter sido uma das feministas a ajudar a colocar mais pressão em nós, mulheres, para sermos não apenas perfeitas em todo o resto, mas nos estudos e no trabalho também. Malditas feministas!

Mas olhe para mim, perdendo tempo dizendo coisas que nem acredito, pareço até o senhor. Vou começar logo a contar minha história, em que explicarei os motivos porque, com todo o respeito, gosto mais de Taylor Swift do que de vossas obras.

Primeiro, um pouco mais de contexto é necessário: Taylor Swift é uma cantora estadunidense que começou sua carreira oficialmente aos catorze anos e, após se estabelecer no gênero country, aos poucos foi migrando para o pop. Hoje em dia é conhecida mundialmente por suas músicas – que ela também escreve. É tão loira e têm olhos tão azuis quanto vosso Dorian Gray, porém com muito mais nuance emocional que o personagem. Ela escreve sobre o que sente, seus relacionamentos, suas paixões e suas angústias. O senhor iria odiá-la.

Felizmente, não é o meu caso. Por isso me encontro em plena sexta-feira, emenda de feriado, enfiada em um quarto escuro enquanto minha família se diverte lá fora, na praia. Isso mesmo. Todos estão na praia ouvindo as ondas e sentindo a brisa de vida que vem do mar. Vivendo. E eu estou aqui, escrava das telas que vê o tempo passar – dizem que é o que a minha geração faz de melhor,

então talvez eu seja apenas uma manifestação concreta do senso comum. É o tipo de coisa que faria o senhor abraçador de árvores e amante da natureza se remexer no túmulo.

Mas seu Wilde não deveria me julgar, porque a praia ainda vai estar lá em uma hora, e esses ingressos não – os de terça esgotaram em meia hora. É a primeira vez que ela vem ao Brasil em muito tempo, devido a uma série de eventos que ocorrem a todos nós, como pandemia e mãe controladora, e outros que nem a todos, como atrasos de turnês e lançamento de álbuns novos. Essa é, de forma bem literal, uma chance em um milhão.

"E por que é tão importante conseguir esse ingresso?" O senhor perguntaria, com óculos redondos e um charuto na mão que não cabe ao tempo, como todo escritor clássico é na vida real. "Por que um espetáculo organizado deve valer mais do que o presente, ao ponto de sacrificar a paz espiritual e a segurança *oceânica* que aguarda porta afora?"

Diria isso porque não conhece Taylor Swift – ou as praias do Brasil. Minha história é totalmente diferente. Nunca vi Taylor de perto – e já morei em uma praia. A oportunidade de ir a um show dela fez sua aparição para mim exatamente duas vezes. Na primeira, o vírus a fez escapar. Essa é a segunda e não pretendo deixar a situação se repetir. Jurei que faria o que estivesse ao meu alcance para ter essa experiência com a qual sonho desde os doze anos. E com "o que está a meu alcance" quero dizer: dois computadores, um celular e um cartão de crédito. O senhor não tem ideia, mas hoje em dia dá para fazer maravilhas só com isso. E coisas terríveis também.

Mas longe de mim ser mal-intencionada, de fato só queria um ingressinho – que na verdade são quatro ingressos. Começo a pensar sobre meus bons atos enquanto atualizo a página de novo. Sou uma pessoa de caráter. Sempre fui uma boa garota e nunca roubei

mais do que um livro de Harry Potter na biblioteca da escola. Começo a pedir a Deus que olhe para mim neste momento de dificuldade, mesmo que eu faça parte da maioria das pessoas que só se lembra dele em momentos de dificuldade. Às vezes até da outra parcela que se questiona sobre sua existência.

Mas chega de colocar as pessoas em setores. O único setor que me interessa agora é “Cadeira Inferior”, junto ao restante dos baixinhos com escoliose que concorrem contra mim, cada um em sua respectiva tela. Já estou quase chegando no nível de abrir uma aba sob o nome “simpatia para conseguir ingresso wikihow” quando a página atualiza. São 10:00 no horário de Brasília. E horário de ingresso para mim, se Deus existe.

A ansiedade que parasita meu corpo não o abandonará tão rápido, porém. Há 152 mil na minha frente na fila. Minha prima também está tentando, então vejo se ela deu sorte. Está um pouco na minha frente, mas nada garantido.

Tombo na cadeira, devastada. Sei que não é o fim, mas não pareço mais perto dele do que quando comecei. E isso é quase pior do que a derrota. Por que odiamos os haters, se vamos acabar competindo contra os fãs? Ensino para o senhor, seu Oscar: odeie os iguais, não os diferentes. São os iguais que se voltam contra você.

Começo a pensar sobre os bons e maus momentos que passei ao som – ou sob a ajuda – de músicas da Taylor Swift. Um que sempre me faz rir, apesar de que não deveria, é meu primo quebrando a perna na balada ao som de Shake It Off e obrigando todos a irem embora mais cedo. Constatação egoísta perto da dor que ele deve ter passado, mas a culpa foi dele por ter se empolgado demais! Ou da Taylor por fazer músicas animadas demais... Mas foi

apenas uma fase em sua carreira, com certeza ninguém quebraria a perna escutando algo como All Too Well.

Meu coração se aquece em uma mistura de conforto, nostalgia, raiva e tristeza. São apenas algumas das sensações que essa música traz para mim, por fazer cenas passarem em minha cabeça, assim como no clipe. Digamos, em termos atuais, que essa será uma das primeiras a aparecer em meu Spotify Wrapped no fim do ano – cansei de explicar-lhe os termos, Vossa Senhoria deve apenas continuar lendo como se tivesse entendido... É assim que faço com vossos livros. O motivo porque ouvi essa longa música tantas vezes tem nome, endereço, um celular que usava para me ignorar e uma casa alugada a duas horas daqui, que usava para fugir da vida adulta.

Irei lhe poupar de detalhes sórdidos, porque o senhor não dissertou por trezentas páginas sobre a beleza do hedonismo da juventude para me ouvir reclamar da falta de responsabilidade afetiva de um jovem adulto. *Esse* é um ponto onde divergimos, e me aproximo mais da abordagem da Srta. Swift. Veja, seu Oscar, ao denunciar por nada menos do que dez minutos os erros de seu ex-namorado e as angústias e expectativas de um coração que nunca havia sido amado com tanta força, ela se levantou para restaurar os cacos que nunca haviam se espatifado com tanta violência também. Pode ser presunçoso da minha parte, mas deduzo que as 152 mil pessoas antes de mim na fila – e milhões de outras depois – também se identificam com a dor descrita por Taylor. A dor de colocar num pedestal bem alto alguém que merece descer de elevador para o subsolo, a dor que Taylor Swift compreende e sobre a qual escreve tão bem.

Essa é apenas uma dentre tantas outras de suas canções que tem um significado tão especial para mim... Como é de meu feitio criar “Grandes Expectativas” (opa, escritor errado!), também

coloquei em um pedestal esse sonho de ir ao show. Quero não apenas a experiência, mas cada detalhe dela: contar o passar dos meses, decidir a roupa, tirar foto com o ingresso na mão em frente ao estádio, desistir da roupa, então comprar de novo e voltar para a ideia inicial, passar calor na fila e rezar por uma chuva, apenas para reclamar da chuva e comprar capas quando o céu confuso se compadece de nós, pobres fãs.

Já estou conformada com a ideia de que não irei ver Taylor Swift esse ano, então me levanto e vou até a praia encontrar minha família. Mesmo assim, deixo o computador aberto no site, porque nunca se sabe. Começo a caminhar pela areia com o ar melancólico de um grande sonhador cujo fio de esperança lhe foi cortado – porque é um pouco do que sou – quando o celular vibra em meu bolso com uma ligação da minha prima.

Ela conseguiu.

Dou um berro que assusta a minha mãe e a abraço. Lágrimas escapam dos meus olhos sob o pensamento: eu vou ver a Taylor Swift. Isso é algo com que sonho desde os 12 anos e hoje posso olhar para mim mesma do passado e dizer do jeito mais emocionado e brega possível: nós conseguimos.

Mas não me leve para o lado pessoal, seu Oscar... Afinal, sou apenas uma garota que não sabe o que está falando. Tenho certeza que vossas obras atingiram tantas pessoas quanto as músicas de Taylor Swift e as tocaram com tanta intensidade quanto eu fui tocada pelo que ela compõe. Afinal, tudo isso é subjetivo e talvez neste exato momento alguém esteja dissertando sobre o quanto Oscar Wilde é infinitamente melhor do que Taylor Swift.

Vossa Senhoria não deve ficar triste, mas me vejo na obrigação, apenas para provar meu ponto central, de encerrar esta tese com o seguinte argumento: Taylor Swift consegue escrever,

mas será que Oscar Wilde não conseguiria lotar um estádio em vinte minutos?

Atenciosa e respeitosamente,

Uma simpatizante.

Safári

Ana Luísa Zanco Barzon

Um tempo atrás, uma amiga mencionou que a faculdade parece um safári. Na hora, foi bem estranho e rendeu algumas risadas, mas depois que eu parei para pensar, eu vi algum sentido nisso.

O fato de eu não gostar do que a maioria das pessoas da minha idade gostam, por exemplo, beber, ir em festas, socializar com quem não conheço, me faz pensar que eu sou apenas uma observadora. Alguém assistindo e tentando entender os seres da mesma espécie que eu, que são completamente diferentes de mim.

Não que me ache especial por isso; ao contrário, não sou a maioria, portanto, sou estranha.

Será que as pessoas que são como eu pensam o mesmo? Que a faculdade, ou a sociedade como um todo parece um safári? E se pensam, seria pela mesma razão que eu? Será que quem é diferente de mim pensa que eu sou um animal tímido e introvertido dentro de uma gaiola?

Esse exercício de observação não rende conclusões; ao contrário, me deixa mais confusa. Afinal, não há razão nenhuma para as pessoas serem como são. Elas só são. A garota que fala alto, o faz porque é parte da personalidade dela. No meu caso, sou das que preferem uma tarde de jogos de tabuleiro ou maratonar uma série ao invés de sair de casa.

Mas então, quando saio de casa, eu continuo achando que estou num safári?

Talvez esteja sendo injusta até aqui. Uma pessoa pode gostar de ambas as coisas. Ou três. Ou mil. Pode ser multifacetada, com lados que não fazem sentido entre si.

A metáfora do safári fica onde, afinal?

Ora, por mais que eu observe e analise, o animal na gaiola nunca vai mostrar todas as suas reações.

Nunca conheceremos cem por cento de alguém.

Talvez nós mesmos não nos conheçamos cem por cento.

Precisamos conhecer cem por cento do outro?

Não, acho que não.

E de nós mesmos?

Fica difícil conviver com a sua própria pessoa se você não se conhece. Mas assim como os outros nunca verão todos os seus lados, há lados que você mesmo não conhece até passar por alguma situação. O problema é quando isso sai do controle, quando você mesmo não se reconhece.

Acredito que nos conhecemos noventa e nove por cento. Sobra uma quantidade minúscula que depende de outros fatores, incontroláveis por nós.

Acho que não quero me conhecer cem por cento.

Que graça teria se eu soubesse exatamente como reagir em qualquer situação?

Enquanto isso, a vida segue, pessoas passam pela minha gaiola e eu passo pelas delas, com a consciência de que nunca serei capaz de conhecer uma pessoa por completo. E admiro este fato. Essa é a beleza das relações.

“Bateria fraca, favor recarregar”

Kayssa Amaro

Eu tenho uma opinião muito ridícula sobre como as pessoas enxergam o mundo, mas não importa muito, claro que não, eu jamais compartilharia tal coisa. Não tenho interesse em partilhas, e é por isso que passo tanto tempo com esses fones aqui, eles me ajudam a ficar a parte da sociedade, longe de todo esse terrível aglomerado de pitacos sobre a vida alheia, sabe?

Minha avó costuma me dizer que eu funciono à medida que meus fones funcionam, e talvez até que ela esteja certa. Mas o ponto é, por que eu deveria externalizar as coisas que penso se nem eu mesmo consigo lidar com elas? A música é muito melhor, e ponto. Provavelmente seja por isso que ela sequer se importou muito em ficar de olho em mim quando me trouxe nessa incansável feira cultural.

Ajeitando os fones já em volume máximo, eu encosto-me em um dos pilares e deixo o mundo fluir ao meu redor, sem muita vontade de fazer parte dele. Novamente, não é como se eu ligasse... Bem, isso é, até esse negócio apitar uma mensagem que eu detesto ouvir: “Bateria fraca, favor recarregar”. Ainda mais fora de casa, e pior no meio de Like a Villain do Bad Omens, justo na minha parte favorita e cortando metade da frase “I don't know how long I'll be holding on”.

As vozes do mundo fora da minha cabeça começam a aparecer, enquanto eu retiro os fones e encaro a luzinha vermelha na lateral, anunciando que a bateria havia acabado. Assim como a minha, ao que parece...

Baterias são responsáveis por fazer algo funcionar, seja uma pilha, um gerador, um fone de ouvido, ou até... uma pessoa. Todas

elas acumulam eletricidade para o uso futuro e gastam essa eletricidade até onde aguentam. Meu fone gastou toda a dele para que eu não precisasse gastar a minha e agora, o mundo volta a existir ao meu redor. Eu simplesmente odeio isso, odeio lidar com essas coisas assustadoras de socialização, de existir em uma sociedade fora da confortável vidinha dentro da minha cabeça – e minha vó ainda vai demorar muito nesse lugar.

Considero minha bateria como um bebê, sabe, três estágios de vida: agitado, cansado, apagado. Uma criança que precisa de combustível para continuar funcionando, e o meu combustível acabou.

Fico ali parado, no meio do mundo, cheio de pessoas, com várias baterias que funcionam e outras nem tanto, tudo girando e existindo enquanto eu sou como o peso morto dos fones em minha mão. Até que alguém esbarra em meus ombros. Um garoto, muito mais bonito do que a visão que eu tenho de mim mesmo no espelho e com uma bateria beirando o 100% por causa daquele sorriso. Estranho, muito estranho.

Ele deve ter pedido desculpas, mas tudo que eu realmente escuto é:

— Você está assustado, sabia? Quer dividir?

E então o lado esquerdo de um fone bluetooth aparece na minha frente e eu realmente não sei explicar porquê nem chego a discutir com o garoto, apenas pego aquele fone e torço para que tudo volte ao normal. É ali que tenho certeza de duas coisas, por causa de Júpiter, na verdade, mas isso não é muito importante agora, tenho certeza que não é o isolamento que vai fazer minha bateria social se manter intacta, mas sim as pessoas com quem compartilho dela, elas fazem o processo de perda de energia mais prazeroso e a segunda é que algumas pessoas tem um gosto musical horroroso.

Apesar de ter relutando muito, alguém sabe agora minha opinião sobre como as pessoas enxergam o mundo, que nada mais é do que o tanto que se está disposto a doar de sua bateria, como meu fone que agora carrega, ele está disposto a doar 100% de si para que eu me divirta e consiga lidar com tudo aqui fora da minha cabeça, Júpiter beira os 90% com seu jeitinho calmo e simpático, e eu? Talvez não chegue direito aos 10%, mas eu posso me esforçar para não ser apenas um aproveitador da energia do meu fone, fingindo que não posso me esforçar nem pela mínima socialização, vou continuar não gostando, mas não é tão difícil se eu souber fazer com as pessoas certas.

Olho para o garoto estranho e bonito ao meu lado, dando um pequeno sorriso e ele aponta para o meu fone.

— 100%.

Pessoas certas, com certeza, porque às vezes, só precisamos da porcentagem correta para com a nossa.

Férias em família

Helen Pinto dos Santos

Minha família decidiu fazer uma viagem para um sítio. Logo pela manhã de quarta-feira, já começou o caos: era criança gritando de um lado, a avó nervosa do outro, tia surtando de outro e deixando a comida queimar. Só sei que quando vi a situação, logo tratei de sair o quanto antes para trabalhar, senão iria sobrar para mim.

Na madrugada da quinta-feira, chegaram os carros e logo fomos colocando as malas para pegarmos a estrada, às 4 horas da manhã. Depois de um bom tempo, enfim chegamos. Todos foram tirando as bagagens dos carros para aproveitar o dia.

Já na sexta-feira, todos acordaram cedo, tomaram café e foram para a praia que ficava próximo dali, apesar de ser outono não estava frio por lá. Na volta para o sítio, paramos em um mercadinho para comprar umas coisas para preparar o jantar. Na fila do caixa para pagar a conta, aconteceu novamente o caos: era um querendo pagar uma coisa, outros quietos não querendo pagar nada. Enfim, a tia rica pagou a conta para sairmos logo dali.

Chegando ao sítio, fomos já acendendo o fogão a lenha para cozinhar o tatu, o teiú (lagarto), que foram caçados na floresta que fica próximo do sítio, e a tão deliciosa picanha. Após todos se alimentarem tranquilamente, fomos assistir a um filme e descansar, para retornar para Campinas na madrugada seguinte.

Após a partida, por volta das 5 horas da manhã, um silêncio total na viagem inteira, pois todos estavam cansados, brigados e fartos da comilança. Ao chegar a Campinas, foram todos para suas casas sem trocar uma palavra.

Alerta do futuro

Isabelle Alves da Silva

Mergulhando nas memórias do passado, me deparei com uma situação engraçada. Lembro que, quando jovem, odiava os conselhos que os adultos achavam reconfortantes dar para alguém mais ingênuo e pouco sabido da vida. Eram, em sua essência, ligeiros para deixar tudo ainda mais amargo e desconfortável. É como dizem, não? Puxe o curativo de uma vez que não vai doer tanto. Se ao menos eu os escutasse naquela idade... Teria me poupado tempo, eu tenho certeza.

Mas não. Sempre empinava o nariz, torcia a boca e cruzava os braços. Não gostava quando apontavam para mim aquilo que eu adorava negar. Não gostava é um eufemismo, na verdade. Eu detestava, odiava, repugnava. Mas é claro, os adultos riam, pois eles sempre sabiam mais da vida do que eu, e sempre tinham histórias e experiências medíocres para me contar, como coleções tristes dos machucados que eles carregaram um dia.

Naquele tempo, eu pensava que minha vida nunca seria como a deles. Logo eu! Não. Não pode ser. Tem que ter mais, certo? Tenho que ser mais. Nem tudo acabará como meu vizinho me falou. Ou como minha tia mencionou, como aquele desconhecido na rua comentou, como minha irmã me explicou, como minha mãe contou. Não...

É, na verdade, as coisas não foram tão diferentes quanto eu desejava, não. Lembro-me de ter catorze anos, os joelhos ralados e as unhas pintadas de verde. Bermuda grande, tenho certeza, e alguma blusa desgastada. Com cabelo picotado e os olhos nos céus, já tinha idade suficiente para saber que a vida não era maravilhosa,

mas não o suficiente para descobrir como um coração poderia doer quando não correspondido.

Foi aos dezesseis, então. Com as unhas laranjas, — o verde havia saído de moda — bermuda grande, — essas sobreviveram ao tempo — e regata puída, — as camisetas se tornaram apenas pijamas — meus olhos não estavam mais nas nuvens, mas sim na garota mais linda que eu, no auge da minha adolescência, conheci.

Eu dizia para os curiosos que foi amor à primeira vista. Seus cabelos castanhos, olhos gentis e sorriso fascinante me fizeram não ter escolhas além de me apaixonar perdidamente por ela. Sonhava acordada conosco. Era com ela que eu desejava andar de mãos dadas, era com ela que eu passaria a vida e era ela quem eu almejava, pela primeira vez, beijar.

Já sabia até mesmo quais seriam os nomes dos nossos gatos. Porque, é claro, seria com ela que eu iria me casar. Teríamos uma casa linda ao lado de uma gata malhada chamada Margarida, uma gata branca chamada Alecrim e um gato laranja chamado Mar, — abreviação de Marcelo — mas que nunca chamaríamos pelo apelido, muito menos pelo nome, apenas de “bichano” e algumas outras variações. Eu era crente de que um dia estaríamos juntas, velhinhas e enrugadas, com mais animais de estimações, mais histórias, muitas memórias e um sentimento infinito de amor para dar aos nossos queridos filhos de quatro patas.

Eu só precisava contar a ela, é claro. Ouso dizer: dessa situação recebi um dos mais cruéis e verdadeiros conselhos de adultos que sabem mais, pois quando a chamei de lado para declarar minha paixão, me dei conta que nunca seria capaz de construir todo o futuro que eu fantasiiei. Em casa, desatei a chorar e só tentei parar quando minha mãe veio se sentar do meu lado e me questionar:

— Querida, o que aconteceu?

Disse-lhe tudo, sem poupar detalhes, e até mesmo dos meus planos fracassados minha mãe ficou sabendo. Seus olhos eram nostálgicos e tristes, mas sua boca exibia um sorriso engraçado, conhecedor. Suspirando, ela me revelou:

— Seu coração vai se partir muitas mais vezes ainda, menina. A vida não poupa esforços nisso.

Quem me dera fosse apenas no amor, eu penso hoje. E se partiu nas perdas, nos obstáculos, nas injustiças, nas misérias... mais vezes do que eu posso contar ou me lembrar. Talvez hoje ele seja um amontoado de trincos e remendos, com alguns pedaços a mais, outros a menos.

Adulta, reconheço que — não mais a contragosto — algumas dessas verdades desgostosas que são difíceis de engolir fazem parte de todos nós. É inevitável. Eu tentei escapar quando mais jovem, que tola eu fui. Ah, se eu soubesse.

Mas, de fato, eu sabia. Apenas não por mim mesma.

O nascer do sol das lembranças

Luize Rodegher Ramos

Era uma manhã fresca e serena, em que o sol emergia lentamente no horizonte, pintando o céu com tons suaves de rosa e laranja. Enquanto as primeiras luzes do dia se infiltravam pela janela semiaberta, eu me encontrava em um estado de quietude e reflexão. Era como se as lembranças, há muito tempo adormecidas, começassem a despertar, ansiosas para contar suas histórias.

Naquele momento, sentada em uma poltrona confortável, com uma xícara de café fumegante nas mãos, meu olhar perdeu-se no vazio, permitindo que as memórias fluíssem como um rio antigo. Era como se cada raio de sol trouxesse à tona um fragmento do passado, como uma fotografia em preto e branco ganhando vida em cores vibrantes.

Lembrei-me de um tempo em que a inocência reinava, quando cada dia era uma aventura repleta de descobertas e risadas. As lembranças de infância dançavam diante dos meus olhos, trazendo à tona os cheiros de bolo recém-assado e os abraços apertados dos entes queridos. Lembrei-me dos verões intermináveis, das tardes despreocupadas nas praias e das risadas incontroláveis que ecoavam nos quintais.

À medida que o sol subia no céu, as memórias transitavam para os tempos turbulentos da adolescência. As primeiras paixões, as angústias do crescimento e os sonhos em efervescência. Cada lembrança era como uma canção, uma trilha sonora que embalava a trama da minha vida. Sorri ao recordar as amizades verdadeiras, as conversas intermináveis que duravam noite adentro e as aventuras vividas com a coragem e a insensatez da juventude.

E então, as lembranças me levaram para além dos anos de ouro. Lembrei-me dos desafios enfrentados, das derrotas que se transformaram em aprendizado e das vitórias conquistadas com suor e perseverança. Recordar meus fracassos e sucessos me fez perceber o quão longe eu havia chegado, o quão resiliente eu havia me tornado. Cada lembrança era um lembrete de que a vida é uma jornada, repleta de altos e baixos, mas sempre vale a pena ser vivida.

Enquanto a luz do sol se tornava mais intensa, as memórias começaram a desaparecer, desvanecendo-se como névoa ao amanhecer. Percebi que, embora as lembranças sejam parte integral de quem somos, elas não definem nosso presente nem nosso futuro. Elas nos ensinam, moldam-nos, mas não nos limitam.

Com um suspiro, deixei as lembranças se dissolverem no ar e me levantei da poltrona. O dia estava apenas começando, e eu estava pronto para criar novas histórias, novas memórias que, um dia, se juntariam às tantas outras que eu havia colecionado ao longo dos anos.

À frente do seu tempo

Ana Luiza Bruzadelli

Certo dia, uma garota avistou seu pai sentado à beira do sofá da sala de estar, o móvel possuía uma cor roxo forte, quase tão parecida com a cor vinho tinto. O pai assistia um jornal qualquer. Já era fim de tarde, e a garota estava cheia de perguntas após voltar da escola, já o pai estava cansado e totalmente sem paciência, mas isso não a impediu e ela logo começou:

— Pai, por que a bola se chama bola?

O pai então explicou, que cada coisa tinha seu nome e isso não poderia mudar, já que sempre chamaram o objeto assim, porém a dúvida da garota não foi sanada e a mesma continuou curiosa.

— Mas pai, eu quero chama-la de outra coisa, não posso?

O pai já um tanto quanto irritado, respondeu de forma direta:

— Por que você quer mudar o nome? Já temos um nome para isso.

A cabeça de sua filha continuou cheia de dúvidas, a mesma não entendia por que as coisas não poderiam mudar, já que tudo passava por um processo de mudanças, e ela estava disposta a chegar nas respostas de suas dúvidas.

— Mas pai, o tempo muda e eu vou ser mais feliz se puder chamar a bola tradicional de bolota, não posso?

O pai não entendia aonde a garota queria chegar, e isso só o fazia ficar cada vez mais irritado, para ele as coisas não precisavam de mudanças e a menina queria provar como mudanças eram necessárias.

— Você está me dando nos nervos garota, o que quer com isso? — O pai esbravejou

— Pai, o senhor tem que entender, nem tudo se trata apenas de um objeto.

Agora, quem estava com dúvidas era o pai, a garota instigou a curiosidade do mais velho, estava alcançando seu objetivo. O homem então pediu para que a garota explicasse o que queria e a mesma respondeu:

— Vou te dizer algumas coisas e deixar o senhor refletir sobre elas.

O pai cada vez mais irritado e curioso aceitou a proposta de sua filha, mas estava longe de abrir mão de seu pensamento.

— Sei que todos chamam esse objeto de bola- a garota começou- mas bom, eu gostaria de chamar de outro nome, por que estou errada?

O olhar duvidoso do homem caía sobre a mais nova, que estava disposta a mudar a ideia do pai.

— O senhor tem um pensamento muito fechado, sei que isso é uma bola, mas se eu puder mudar o nome vou triplicar meu sentimento de felicidade, e isso não muda para o senhor, pois ainda sou sua filha brincando com este objeto. Entendo que não houveram mudanças no seu tempo, mas hoje pai, nada é como antes e o senhor terá de aceitar isso mesmo que as pessoas a fora não concordem.

Nesse instante, o pai percebe que sua filha estava lhe contando algo a mais, sem tempo de responder, a garota levanta e se retirou da sala. O homem confuso então pensa.

— Será?

O cardápio

Elis Carrara

Uma tarde dessas, minha avó roubou o cardápio do restaurante onde havíamos almoçado. Comecei a rir assim que saímos do estabelecimento porque, até então, eu não entendia como aquela senhorinha excêntrica que só usava roupas da mesma cor todos os dias e que tinha mania de limpeza poderia ter um grande motivo para tal feito.

— Por que você roubou o cardápio, vó? — perguntei entre risos.

— Ah, querida! Olha o que está escrito — ela respondeu com um olhar doce, porém preocupado. — Eu peguei uma lembrança... Será que alguém vai achar ruim?"

No cardápio, logo acima, o nome do restaurante com o mesmo nome do meu avô, meu falecido avô. Ela ria e chorava todas as vezes que lia o nome. Acho que era um riso de amor e um choro de saudade.

Chegando no estacionamento, minha avó sentou-se no banco da frente ao meu lado e conversamos sobre o primeiro encontro dos dois.

— Ele me contava quando criança que se lembrava de cada detalhe — falei. — Dizia que havia sido a melhor manhã de terça-feira de toda a sua vida.

— Ele falava isso mesmo, não é? — Ela riu. — Mas na verdade o encontro aconteceu às três da tarde de uma quinta-feira. — Rimos juntas.

— Ele me disse que seu vestido azul estava impecável!

— Ah, ele estava tão encantado e distraído que nem percebeu a enorme mancha de molho bem no meio da saia —

contava enquanto caía em risadas. — Décadas depois ele continuou dizendo que lembrava e recontava aos netos exatamente como foi esse nosso primeiro encontro.

— Lembro de ele dizer que havia sido o melhor sushi que já comera na vida.

— O que era irônico porque comemos em uma cantina italiana. — Nós nos olhamos e sorrimos.

Ela passava a mão pelo cardápio e folheava as poucas páginas como se fosse um livro de memórias. Deslizava os dedos pelo nome do restaurante e eu pude sentir que havia toda uma orquestra tocando no coração de minha avó.

— Sabe, querida? Mesmo ele sendo péssimo com datas e detalhes, ele se lembrava de muitas coisas que eu nem parava para contar. Sabia desde meus gostos para temperos culinários até onde estavam cada uma das minhas pintinhas e manchas de nascença pelo corpo, e continuou decorando-as ano após ano, conforme eu ia ficando mais velha e com mais manchas. A vida o trouxe para mim e eu o aceitei de braços abertos a confusão que era amá-lo, e eu aceitaria de novo e de novo.

Ela continuava entre choros e risos. Acho que, no fim, a vida era isso, rir pelos bons momentos que viveu ao lado de quem amou e chorar pela falta que esse amor lhe faz. Às vezes roubar um cardápio de um restaurante tem mesmo grandes motivos.

São João

Maria Victória Sakamoto Caffeu

Eita, coisa boa! Chegou a festa de São João! Esse mês vô gasta todo meu dinheiro em comida lá da igreja de Sant'Ana. Eu e a família sempre estamos presentes nas missas de Sumaré, e esse ano, estou animado pra apresentar nossa igreja pra Cecília. A festa vai começar, e mãezinha já está escalada pra fazer a canjica, paizinho vai ajudar na barraquinha do churrasquinho, e pra deixar tudo perfeito, ainda vai ter barraquinha de milho, com direto a curau e pamonha. Tem também pastel e focaccia, que eu amo tanto. Minha irmã é pequena, só vai ficar correndo pra lá e pra cá com os primo, como sempre. Meu irmão tá de lua de mel lá nas Américas, como dizem, mas eu não tenho vontade de conhecer não, minha América é o Brasil, e tá muito bom. João disse que os americanos estão preocupados, porque os bancos tão crise, mas acho que é mentira, porque dizem que lá, a vida é um sonho. A nossa família nunca teve muito dinheiro, mas somos muito inteligentes, eu mesmo terminei os estudos com 15 anos. Quem termina a escola tão rápido assim? Na época, ouvi paizinho brigando com João, porque ele precisava de dinheiro, algo assim. Hoje temos uma vida mais tranquila, meu irmão casou com uma moça bondosa, bem mais velha, vive dando dinheiro e presentes pra gente. Mãezinha fica tão feliz que sempre agradece nas orações dela. Eu também sou grato, mas não uso todo o dinheiro não, gosto de guardar e dar pros necessitados. Esse mês de junho tá muito frio, fico pensando nas pessoas que ficam na porta da igreja, sentados, pedindo um pedaço de pão, então doei alguns cobertores pra eles. Essa época também me lembra as crianças dançando na quermesse, lembro que quando eu era pequeno ficava dançando, não gostava muito não, também nunca fui muito bom.

Falando nisso, amanhã já é a festa, finalmente vou poder tomar meu quentão, e apresentar a Cecília pra todo mundo, não tem época melhor do que esse clima de festa e alegria, pra namorar e amar. O pessoal aqui já tá organizando tudo, e eu já tô pronto pra sentar amanhã na minha mesinha embaixo da árvore, comprar minha cartela e ganhar o prêmio do bingo, que vai ser surpresa, e vou dar pra Cecília, meu amor.

Cinzas

Marcella Victória Rocha do Prado

Eu era muito visitado. As pessoas gostavam de ver a história através de mim. Eu tinha cultura para todos os públicos, dos mais jovens aos mais velhos. Era sempre acessível e elegante. Com o tempo, passei a ser velharia, poucos me viam, e eu me sentia gasto e cansado.

Nos meus tempos de ouro, era lotação atrás de lotação, eu era amado e cuidado. Com o tempo isso mudou, as pessoas pararam de me apreciar, o dinheiro parou de entrar e tudo que era belo dentro de mim, começou a se apagar.

Eu estava me desmoronando. Era um quebrado aqui, um lascado ali e nada de melhorarem. Não sabiam mais o que fazer, então fecharam as portas. *Reparos*. Esses que nunca chegavam. Era um fato, eu passei a me tornar insignificante. Meu conteúdo passou a não ser o suficiente.

Não esperava o fogo que se acendeu em mim. Eu me sentia queimar por inteiro, desde os documentos que mantinha, até obras de artes exclusivas, eu me desmoronei por um descaso. *Ah, quando eles vão aprender*.

Os bombeiros chegaram, mas já era tarde, não restou muito que pudesse ser salvo. Uma escultura aqui, uma ossada ali. Mas não era esse o problema? E a história como fica? E a cultura? A resposta esteve em mim, vira cinzas, uma manchete ou outra e acabou, irrelevância. Passo a ser um nada no meio da selva de pedras e tecnologia que se criou. Sou uma antiguidade. Uma futilidade.

Mas um dia o dinheiro veio, eles mudaram minha fachada, melhoraram a minha aparência, restaurou parte da história que vivia em mim e que eu transmitia para outras pessoas, trouxe mais obras,

mais arte, mais vida para mim. E as pessoas estavam aqui novamente, para ver minha nova aparência, minhas melhorias, as novas histórias que eu tenho para contar.

E das cinzas eu renasci como uma fênix, mas quantas histórias têm que virar cinzas para que a cultura seja valorizada? Quantos museus há de se fecharem para que algo seja feito? Quanto de um passado você quer apagar para simplesmente deixar de se importar? Mas o que eu posso falar? Eu sou só um museu. E esse? É só um relato.

Outros tempos

Mariana do Nascimento Almeida

Era véspera de ano novo, e, como sempre, mamãe e eu passávamos na chácara dos meus avós. Íamos de carro, mamãe ao volante e eu no banco de trás cochichando, mas o cheiro molhado da grama, assim como os sons cocorizantes das pequenas avezinhas, me despertavam, o ambiente me contagiava e me dessituava, tão diferente da "priminha da Capital" — como mamãe a chamava —, Campinas não tinha nada, nada de semelhante com a terrinha de vovó, e se tinha, eu não via. Mas, inesperadamente, naquele dia vi, vi algo que me era familiar, meus olhos brilhavam ao ver o que vovó segurava.

— Eu quero! — Gritei

— Pois onde já se viu uma coisa dessa? Ora... — Vovó exclamou surpresa.

— Valentina, você ouviu esse menino?!

Mas, minha mãe, Valentina, não estranhava mais meu jeitinho único e continuava tirando as malas do carro.

— Deixa ele, mãe. É só deixar que ele fica quietinho.

— Pois que é isso?! Na sua época não era assim não, eu não deixava, não deixava, nem seu pai deixava — Ela andava e balançava o objeto brilhante como se esperasse alguma oportunidade para escondê-lo de mim — Ele ainda é tão pequeno...

Bem, naquele momento eu não me sentia “tão pequeno” quanto vovó dizia, eu já tinha 6, muito mais que a metade de 10, e já sabia andar de bicicleta, o que para mim significava muita coisa, se eu já sabia pedalar já podia muito bem manusear aparelhos luminosos como aquele.

— Nem eu sei mexer... É do seu avô. Manuel! — Vovó gritou, na esperança de vovô distrair-me, mas ele estava no fundo da chacarazinha, mal ouviu que havíamos chegado.

Vovó segurava o mais alto que podia, fazia-o brilhar mais e mais, e como brilhava. Fiz uma carinha de choro, juntei as mãozinhas e pedi:

— Deixa vó... Pufavooo.

Ela cedeu, claro, não tinha como resistir. Tomei-o nas mãos, finalmente, meu. Parei e o observei por um instante, tantas lembranças, tantos momentos, mas parar e apreciar não era de meu costume, mas era como me sentir conectado novamente, beijei-o, agora era hora de colocá-lo para funcionar: peguei a pipa sem pronta no carro, sentei-me na varanda e comecei desenrolar a linha da carretilha de alumínio, a cada manuseio o sol batia nela e ela brilhava mais e mais, e como brilhava.

Vovó me olhava impressionada.

— Não me diga que ele também fez a pipa...

— Pois foi sim — A resposta de mamãe fazia vovó mais incrédula. — Papai que o ensinou.

— Como lembrou? Tão novinho...

— Ah, mamãe... São outros tempos.

Assim caminha a humanidade

Heloísa Giraldi Artuzo

Eu sabia porque estava ali, em pé, na fila do caixa, mas não tinha ideia de como seria o final da história, isto é, quando a fila terminasse, se é que ela teria fim. As filas, algum dia, terminam?

Para começar, eu não tinha escolha a não ser entrar na fila ou desistir de comprar o sanduíche mequetrefe que estava em minhas mãos. Se fosse uma deliciosa baguete recheada com queijo curado ou um bolo confeitado em promoção, talvez fosse diferente, mas era apenas um sanduíche sem graça.

Entrar em uma fila é terrível. Assusta qualquer pessoa. O efeito negativo que tem sobre os idosos, por exemplo, provavelmente já foi objeto de teses de mestrado. Já viu algum idoso feliz em uma fila? Nem em fila preferencial. Eu duvido.

Nos primeiros três minutos, eu já havia lido o rótulo simpático da embalagem e me considerava um especialista em fatias de pães recheados com iguarias duvidosas, cuja receita estava impressa naquele pequeno espaço. Não sei como conseguem encolher tanto as letras e colocar tanta informação ali.

Achei uma perda de tempo ler pela terceira vez sobre gorduras, sódio, carboidratos, vitaminas e açúcar. Como a fila não andava, comecei a fazer um exercício mais complexo sobre a quantidade de queijo e presunto que seriam necessários para fazer um sanduíche, mas não cheguei a nenhuma conclusão razoável.

Um dos meus receios quando estou preso em uma fila é encontrar conhecidos ou pessoas com quem não me dou bem. Não sei o que é pior. No primeiro caso, a conversa começa com amenidades, reclamações e fofocas sobre colegas e conhecidos, mas o maior risco é acabar em uma discussão política interminável. Com

o desafeto, nem se fala, o constrangimento é enorme. O pior mesmo é quando percebemos que estamos na fila por causa de coisas insignificantes. Seria mais compreensível se fosse por uma edição nova de um livro favorito, um sorvete ou um sanduíche de melhor qualidade, sei lá.

Outra coisa ruim sobre filas é ter que ficar em pé, a passos lentos. A gente vai caminhando um passo de cada vez, em uma velocidade detencosa como se não fosse chegar nunca ao destino final. Há aqueles que, de tão impacientes, desistem. Vemos pessoas desistindo com frequência do seu objetivo final. O fato é que a fila anda, como diz um antigo ditado popular; essa é a utopia que faz com que alguns continuem nela.

Quanto a mim, pensei em largar o sanduíche, mas a fila realmente andou e eu fui o próximo.

Sempre vou no mesmo ônibus...

João Pedro de Lima

Sempre vou no mesmo ônibus das seis da manhã para o trabalho, me pergunto o que aconteceria caso ele não chegasse um dia. Acho que muitas pessoas ficariam comovidas com o não aparecimento do Senhor Ônibus, como quando alguém importante falta na reunião do serviço. Pelo menos para mim seria uma ótima desculpa para justificar meu atraso.

A brisa fria da manhã bate nos meus ombros enquanto eu tento me encolher para evitar a sensação gelada. Quando o Sr. Ônibus chega é o mesmo som alto de todas as vezes, sempre machucando meus ouvidos. Me pergunto se algum dia ele vai parar mais longe, tornando o som mais aguentável.

Sempre o mesmo motorista, aparenta ter uns 50 anos. Os últimos fios de cabelo já se foram da sua cabeça há muito tempo. Tem o olhar de quem dormiu pouco na noite passada, sinto sua presença me encarando enquanto eu subo. Me pergunto se ele se lembra de mim ou se ele está me julgando mentalmente.

Sempre o mesmo preço. Me pergunto se algum dia ele vai subir. Talvez o aumento cause uma nova Revolução Francesa, uma invasão alienígena ou seria apenas mais um dia comum, algo do tipo. Sempre tento buscar o mesmo lugar, o fundo do ônibus, nele consigo me comprimir e descansar os olhos nos dias em que não consigo dormir. É uma visão privilegiada do resto do ônibus, porque demanda muito esforço virar o pescoço na direção em que seja possível me enxergar. Me sinto mais seguro dessa forma, longe dos olhares alheios.

Sempre acabo esbarrando minha visão nas outras pessoas que aparecem no ônibus e no que elas estão fazendo, não sinto que

faço por curiosidade, na maioria do tempo é simplesmente o tédio consumindo minha mente e me fazendo buscar por qualquer forma de entretenimento. Repetidamente vejo as mesmas histórias, conversas calorosas com desconhecidos nos telefones, pessoas atrasadas para o serviço implorando a figuras divinas que não sejam demitidos, vendedores ambulantes com suas histórias de vida motivacionais, me sinto praticamente em um cinema.

Mas, sempre chega minha hora de descer, para o mesmo lugar, no mesmo horário, do mesmo jeito. Me pergunto se algum dia as coisas vão mudar...

O (re)nascimento de Helena

Vitória Oliveira Santos

Você viu só que amor? Nunca vi coisa assim! Na verdade, já vi sim. E, nossa, que história. Nossa heroína independente, dona Helena. A loira, empreendedora, esteticista e mãe. Sem limites quando se trata do amor e da família. Não foi a primeira e nem será a última, mas sem dúvidas é uma das mais lembradas e admiradas. E o amor? Como prega peças e lhe escapa pelos dedos, mas o amor incondicional que ela carrega é o amor de mãe. E *Laços de Família* é uma das minhas primeiras lembranças dessa personagem, que volta em outros rostos, corpos e personalidades. Em outras ambientações, mas nunca tão longe. E assim o Leblon virou sua casa.

Porque quando a luz dos olhos meus resolvem encontrar *Mulheres Apaixonadas*, ela volta. Morena, professora, decidida e livre. O centro. Muitas coisas aconteciam ao redor, mas Helena era sempre o centro. Antes da Marvel surgir com essa de multiverso, eu vi o nascimento de algumas Helenas, de um mesmo escritor, em histórias diferentes. No entanto, sempre a protagonista.

Mas eu conheço poucas. Confesso que tenho gosto no antigo, pela sensação de nostalgia ou até mesmo pela imagem quase granulada de vinte (ou mais) anos atrás. Lembro do CD com a trilha sonora da novela em casa. Ela pegou a todos, era a sensação do momento sempre que estava no ar. Aos mais novos, desculpas por soar confusa, mas como explicar a profundidade de histórias desenroladas em duzentos capítulos?

Quando me lembro dela, a modelo, confesso que sinto uma leve tristeza. Sua história me comove e talvez eu não sinta tanta vontade de rever. A primeira Helena negra merecia mais e não deixo de bater o pé por isso, mesmo me lembrando que, em sua exibição,

minha família se reunia todos os dias para acompanhar o que era, infelizmente, o apagamento da minha Helena em *Viver a Vida*.

Elas são retratos de suas épocas, são assuntos que puxariam para um debate e trariam o então questionamento: como passar temas sensíveis pelo filtro do entretenimento? Sigo imersa nas maravilhosas e dramáticas histórias, esperando que saia delas um diálogo sábio, coeso e que prenda a atenção como esta nossa rápida conversa sobre as musas de nome Helena.

As cores da infância

Luciana Hitomi Tamura

Ainda me lembro daquela época mágica chamada infância, onde todos os dias eram rodeados de alegria, amor e doçura. As rotinas não costumavam ser ordinárias e comuns, pois cada dia era razão para mais uma aventura. Como os objetos da casa, aparentemente sem outra utilidade além da que é imposta a eles, se tornavam parte de uma narrativa repleta de possibilidades que apenas o singelo olhar de uma criança poderia ter.

As cores vibrantes e imaginação transbordavam a flor da pele, naquela tenra idade todas as pequenas coisas viravam brincadeira. Até mesmo a cortina se tornava uma cabana, as tintas guache davam vida aos papéis em branco e os lápis de cor decoravam as paredes sem graça da casa, pois nenhum dia era o mesmo naquele mundo extraordinário.

Naquele tempo, as horas passavam e eu nem mesmo percebia que o futuro estaria próximo ao alcance de minhas mãos. Entretanto, apesar de ser um universo vasto, o amanhã parecia para mim uma terra longínqua a ser alcançada. De certa forma, a cada novo dia era uma página pronta para ser preenchida de ideias e invenções. Às vezes, apenas uma caixa de cereal virava uma pequena casa, com alguns palitos de sorvete poderíamos incrementar fazendo uma cerca, uma cadeira de balanço ou um pequeno carro. E, aos poucos, com a nossa imaginação, nossa pequena grande cidade tomava forma, com uns detalhes aqui e acolá, aquilo nos prendia até que uma nova aventura surgisse a um palmo de distância.

A melodia também nos rodeava. Uma canção de ninar que nos embalava no mais doce sonho. As cantigas de roda pairavam sobre nossos ares e irradiavam pelo corpo até a ponta dos dedos do

pé, transmitindo seus traços doces e alegres, nas rimas e nas aliterações que nem sabíamos que grudavam em nossas vidas. Eram capazes de confortar a alma e nos fazer sentir seguros em momentos que nem sabíamos o que era preocupação.

Agora, o frenesi da vida adulta é o que nos toma conta. Porém, se olhar atentamente e, parar por apenas um instante, basta apenas um batimento de seu coração para poder despertar a criança que ainda faz parte de nós, mesmo pequena ou adormecida, não importa a maneira, ela se irradiará novamente, seja em forma de alegria, amor ou doçura.

Mudar, errar e não se importar

Maithê Amabile de Alencar Gassi

Eu nunca fui de ir em festas, beijar bocas estranhas ou ficar de flerte com qualquer um. Depois de quatro anos de relacionamentos amorosos fracassados, decidi ir para festas e basicamente passei a fazer tudo o que eu não fazia antes. E, agora posso dizer, flertes são horríveis e constrangedores. Beijar é bom, mas sem sentimento não tem graça, e depois não dá para fingir que não conhece a pessoa sem lembrar da baba dela na sua boca. A única parte que vale a pena é o sentimento de estar rodeado de pessoas e com seus amigos bêbados. Também não posso negar que conheci pessoas incríveis em situações engraçadas que se passaram no banheiro.

Pense bem, eu tenho 18 anos. Estou no meu ápice e aproveitando o momentâneo estado de rebeldia que reside dentro de mim. Quero dizer, talvez se fosse ano passado, eu poderia me importar com o que pensam sobre mim, como: “Olha, ela está tomando decisões ruins!” “Que mau exemplo...”

A questão é, preciso errar enquanto ainda tenho tempo, enquanto sou jovem. Para que, quando adulta, consiga ser alguém com grande experiência e sabedoria para aconselhar as pessoas ao meu redor. Pelo menos é o que eu tento me convencer todos os dias...

Purê de bananê ao molho sugo

Juliana Caruso Pieragnoli

Descobri recentemente que existe uma obra de arte avaliada em 120 mil dólares, o que dá por volta de meio milhão de reais, e é composta por uma banana e uma fita crepe. E para deixar a situação mais cômica, um garoto coreano comeu a banana. Por quê? Fome. Aí o cara viralizou, é claro. Não é comum você encontrar pessoas comendo obras de artes, porque na teoria isso nem é possível. Conversei com umas amigas sobre isso, e agora sempre que alguém está com uma banana debochamos: “Nossa, você está comendo uma obra de arte!”. Quem não tiraria um sarro disso? À princípio, só pode ser piada. Esses artistas contemporâneos conceituais que só porque são artistas podem definir o que é arte e o que não é. Dá um tempo, né?

Fui pesquisar um pouco mais e descobri não só que o artista da obra, Maurizio Cattelan, é conhecido por obras polêmicas e esquisitas, como aquela da privada de ouro que ficou famosa uns tempos atrás, mas que a banana já tinha sido comida antes. Quer dizer, não foi a mesma banana, isso é impossível, os caras têm que ficar trocando a fruta a cada três dias. Isso também era algo que ninguém esperava: uma obra de arte descartável, como aqueles panos multiuso para limpar cozinha que depois de apenas alguns dias vira só um amontoado de fiapos. E daí é pro lixo. Lixo, lixo, lixo.

Mas voltando ao assunto, um artista performático, David Datuna, que foi conhecido por obras voltadas para a consciência social, comeu outra banana da mesma exposição lá em 2019. Mas aí o cara foi mais inteligente na sua explicação. Esse artista jogou a carta da desigualdade social, que milhões morrem de fome para um cara rico expor algumas bananas por milhares de dólares. Não que comer

uma banana que só serve para apodrecer e ser descartada em três dias vá fazer alguma mudança para a insegurança alimentar do mundo, mas qual é, gente, ele tentou! É que é sempre complicado enfiar política na arte. Deixa a arte em paz! O quê? Que tudo é política? Ah, vão lavar uma louça!

Por outro lado, o estudante de artes justificou que “danificar uma obra moderna também pode ser interpretado como arte”. Então quer dizer que aqueles ativistas que jogaram purê de batata na obra do consagrado Monet também é arte? Tô só perguntando, eu mesma não sei a resposta! O que eu sei é que deveríamos focar em outras coisas, como o fato de que “purê” rima perfeitamente com “Monet”. Deveria até ser transformado em poema:

*Talvez mais uma notícia clichê
Um vandalismo que ninguém prevê
Fiquei curioso como você
Ao lambuzaram de purê
As pilhas de grão do Monet*

E nem me vem falar da sopa de tomatê nos girassóis do Van Gogh. O que deve ser mesmo esquisito é você pensar que as duas obras de artes engolidas causaram tanto reboliço para virarem merda. Que destino cruel para duzentos mil dólares.

Além disso, dos quatro artistas que eu citei, três nem vivos estão mais, então por que importa se um cara comeu uma banana? Eu bem que estava afim de uma banana. Desculpa, toda essa falação de comida me deu uma fome. Acho que vou fazer um lanchinho. Você que um também? Vem, acabei de coar um cafezinho...

Eu vivia bem...

Mary Eduarda Rodrigues Soares

Eu vivia bem, sempre observando os moradores da rua chamada Antiga 11, que havia sido asfaltada há pouco menos de sete anos — com grande insistência dos moradores. Até que um dia achei que minha utilidade, ou melhor, inutilidade, tinha se acabado. Mas não! Era só a parede em que fiquei presa, por quatro preguinhos, quase a minha vida toda. Recebendo uma massa branca que tinha cor de alegria, me jogaram no jardim e ali fiquei vendo os outros viverem suas vidas. O rapaz que me jogou nessa grama remoída logo sumiu e agora certamente era meu fim, mas continuei aqui.

Depois de algumas chuvas, pude ter a companhia da senhora erva daninha. O tempo passou e logo vi um senhor — que de fato deveria estar descansando ao invés de construir paredes — misturando aquela coisa (argamassa). Vendo os outros viverem suas vidas, aprendi muitas coisas, mas, ainda não aprendi o nome daquela coisa lá (argamassa) que faz as paredes ficarem firmes. Os dias corriam enquanto ele erguia uma, duas e três paredes, então me colocou na janela pendurada toda torta, que me deu dor nas costas e, por fim, levou minha querida amiga erva daninha para o terreno vazio do outro lado da rua; eu permaneci aqui.

Um dia, a bela senhora acordou nervosa brigou com o senhor — que logo se mandou — no outro dia chegaram dois homens, nem novos e nem velhos. Um deles ficava dando ordens e o outro ia colocando as ideias em prática e, de repente, tudo estava diferente. A senhora, dona da casa, estava com um barrigão — acredito que ela engoliu uma semente de melancia, mas achei engraçado, a criança pequena também já tinha engolido e a barriga não tinha crescido como a dona dizia que aconteceria. Bom, até que

enfim eu estava no meu lugarzinho, só que desta vez presa com parafusos brilhantes.

Meus lindos e belos parafusos já estavam velhos e sujos quando um carro parou em frente ao endereço indicado por mim: Rua Lírio do Choro, número 28. A dona, vendo movimento em sua calçada, saiu para ver o que ali estava acontecendo. O velho ranzinza já tinha descido e me arrancado sem o mínimo respeito, me jogando na caçamba. Tirou uma nova placa da cabine com a seguinte informação: Avenida Choro de Lírio. Logo, a senhora com uma criança no colo perguntou:

— Qual o motivo da mudança repentina do nome da rua?

— O prefeito mandou asfaltar a rua — respondeu o senhor.

— Recapear você quis dizer? — continuou ela, questionando.

— Não senhora! O projeto para asfaltar a rua já foi aprovado pelos vereadores — confirmou ele com deboche.

Aprendi o que era um projeto que nunca saiu do papel depois de cair da caçamba duas casas para baixo e ficar ali anos a fio, até perder minha cor e minhas pequenas e quadradas letras.

Pardonnez-moi, monsieur

Victória Gabriela Dorigatti

Certa vez, deparei-me com uma especulação curiosíssima. “*Pardonnez-moi, monsieur*”. Foi com essa frase que Maria Antonieta, a rainha consorte da França, encerrou sua trágica trajetória. É profundamente intrigante considerar que, diante do terrível destino que a aguardava na guilhotina, ela tenha se dirigido ao seu carrasco, Charles-Henri Sanson, em busca de perdão. A ironia presente nesse ato beira a incredulidade. Esperaríamos, talvez, palavras grandiosas e memoráveis, capazes de marcar um momento histórico tão significativo. No entanto, suas últimas palavras foram singelas; um pedido de perdão dirigido àquele que seria seu algoz. Quem, em pleno juízo, ousaria solicitar perdão àquele que se prepara para ceifar sua vida? Maria Antonieta, cuja existência foi repleta de magnificência e extravagância, optou por expressar-se de maneira humilde em seus momentos derradeiros. Ingenuamente, acredito que essas palavras poderiam sintetizar sua vida por completo. Uma vida marcada por excessos, controvérsias e incompreensões. Talvez, ao proferir essa frase, a rainha almejasse transmitir uma mensagem sobre sua própria existência. Ela despiu-se de sua coroa, de seu status, revelando-se como uma pessoa comum, vulnerável. Porventura, no íntimo, Maria Antonieta buscasse redenção, não apenas diante de seu carrasco, mas também de si mesma. Enquanto me dedico a esta escrita, sou confrontada por meus próprios anseios e arrependimentos. Sinto empatia por essa figura histórica, cuja jornada ecoa através dos séculos. E, assim como ela, já me vi envolvida em excessos e também enfrentei as sombras da incompreensão. Reflexionando sobre essa ironia, percebo que, de igual modo, todos nós carregamos o desejo de sermos

compreendidos em nossas fragilidades. Por esse mesmo motivo, neste instante, recordo-me da importância de encontrar harmonia dentro de mim. Portanto, deixo aqui as últimas palavras desta modesta reflexão:

“Pardonnez-moi, monsieur. Je ne l'ai pas fait exprès.”

(“Perdoe-me, senhor. Eu não fiz de propósito.”)

O Refúgio das Palavras

Isabela Miyako de Araujo

Era uma vez uma pequena livraria escondida em uma ruela estreita de paralelepípedos. Passava despercebida pelos olhos distraídos, mas era um verdadeiro refúgio para os amantes das palavras. Seu nome era "O Refúgio das Palavras" e ali habitava um universo encantado de histórias e imaginação.

Ao adentrar a livraria, sentia-se uma atmosfera mágica. As estantes repletas de livros se estendiam até o teto, como árvores frondosas abrigando segredos e aventuras. Os murmúrios das páginas pareciam sussurrar aos visitantes, convidando-os a desbravar os recantos da imaginação.

O proprietário, um senhor de cabelos grisalhos e olhar sereno, era o guardião daquele mundo literário. Com seu conhecimento vasto e sua paixão pelos livros, ele recebia a todos com um sorriso acolhedor, pronto para guiá-los nessa jornada de descobertas.

As pessoas que frequentavam "O Refúgio das Palavras" eram de todos os tipos e idades. Havia os jovens em busca de aventuras fantásticas, os românticos à procura de histórias de amor e os curiosos sedentos por conhecimento. Cada um encontrava ali a sua dose de encantamento, que se espalhava pelas páginas e se infiltrava em suas almas.

Era comum ver os visitantes se aconchegando nos sofás espalhados pela livraria, imersos em suas leituras. A cada virada de página, suas mentes se transportavam para universos paralelos, personagens ganhavam vida e emoções transbordavam. Naquele espaço sagrado, as preocupações cotidianas se dissipavam e a imaginação se tornava a protagonista.

Além dos livros, ela era palco de encontros literários, debates e lançamentos de novas obras. Autores emergentes tinham ali um espaço para compartilhar suas histórias e ouvir o feedback dos leitores. Era um verdadeiro oásis para os amantes da literatura, onde as palavras encontravam abrigo e voavam livres entre as mentes e corações.

Mas, como toda história tem seu desafio, a livraria enfrentava a era digital e o avanço acelerado da tecnologia. As pessoas passavam cada vez mais tempo conectadas a telas e menos tempo folheando páginas. Ela sentia-se ameaçada, como se suas paredes de tijolos e estantes de madeira estivessem lutando contra um inimigo invisível.

No entanto, o senhor dos cabelos grisalhos tinha esperança. Ele acreditava que a magia dos livros ainda tinha o poder de tocar os corações e transformar vidas. E assim, ele persistia em sua missão de preservar aquele refúgio literário, compartilhando seu amor pelos livros e incentivando outros a se perderem em suas páginas.

"O Refúgio das Palavras" era mais do que uma simples livraria, era um símbolo de resistência. Ali, as palavras resistiam ao tempo, à tecnologia e às mudanças do mundo. E enquanto houvesse pessoas dispostas a se deixar envolver pelo encanto dos livros, a magia daquele lugar continuaria viva, inspirando gerações futuras a explorarem os tesouros escondidos nas páginas.

Assim, a pequena livraria seguiu sua jornada, acolhendo almas sedentas por histórias e oferecendo um abrigo para as palavras que não queriam ser esquecidas. E toda vez que alguém abria a porta de "O Refúgio das Palavras", encontrava muito mais do que livros, encontrava um lugar onde a imaginação ganhava asas e os sonhos se transformavam em realidade.

A dualidade das redes sociais na vida dos adolescentes

Alysson Pinheiro Rulim

No universo virtual, onde conexões são tecidas por fios digitais, as redes sociais se tornaram um palco onde os adolescentes constroem suas identidades, buscam aceitação e encontram uma comunidade. Contudo, essa nova realidade traz consigo uma dualidade que pode impactar profundamente a vida desses jovens em formação.

Em primeiro lugar, as redes sociais proporcionam um espaço de expressão e descoberta. Os adolescentes têm a oportunidade de compartilhar seus pensamentos, opiniões e talentos com uma audiência global. Eles encontram comunidades que compartilham seus interesses e, por meio do compartilhamento de conteúdo, estabelecem laços virtuais que transcendem fronteiras geográficas. Entretanto, por trás dessa aparente liberdade, surgem os efeitos negativos. A busca por aprovação, a pressão para se encaixar em padrões estéticos e a constante exposição a uma realidade distorcida podem levar os adolescentes a um estado de angústia e insegurança. A comparação constante com os outros, alimentada pelas postagens selecionadas e idealizadas, pode corroer a autoestima e gerar sentimentos de inadequação.

Além disso, as redes sociais criaram um ambiente propício ao cyberbullying, onde palavras cruéis e comportamentos ofensivos encontram um terreno fértil para se espalharem. A intimidação virtual afeta diretamente a saúde mental dos adolescentes, que se veem expostos a ameaças constantes em suas próprias telas, gerando ansiedade e medo.

No entanto, é essencial lembrar que as redes sociais não são vilãs em si mesmas. Elas são ferramentas que refletem as escolhas e comportamentos dos usuários. É fundamental que os adolescentes sejam educados sobre o uso responsável e consciente das redes sociais, desenvolvendo uma consciência crítica para filtrar informações e proteger sua saúde mental.

Portanto, a influência das redes sociais na vida dos adolescentes é complexa e multifacetada. Elas podem ser fontes de conexão, inspiração e crescimento, mas também carregam o potencial de causar danos emocionais significativos. É papel da sociedade e dos adultos auxiliar os jovens a navegarem nesse oceano digital, oferecendo orientação, empatia e espaço para diálogo aberto, a fim de cultivar uma relação saudável e equilibrada com as redes sociais.

No meio de uma cidade agitada...

Nathália Vitória Preto Alves

No meio de uma cidade agitada, em meio aos carros e ao barulho das pessoas apressadas, havia um banco solitário em um pequeno parque. Ali, ele permanecia, testemunhando as histórias que se desenrolavam ao seu redor.

Era um banco de madeira gasta pelo tempo, com marcas das inúmeras pessoas que ali já sentaram. Suas tábuas estavam gastas e algumas lascadas, mas ele ainda mantinha seu propósito de acolher aqueles que precisavam de um momento de descanso.

Ao longo dos dias, pessoas de diferentes idades e origens sentavam-se no banco. Alguns vinham para contemplar a natureza que cercava o parque, outros buscavam refúgio da agitação da cidade. Havia os apaixonados, que se sentavam de mãos dadas, compartilhando sorrisos e segredos.

O banco também testemunhava encontros marcantes. Amigos de longa data se reuniam para jogar conversa fora, rindo alto e lembrando-se dos velhos tempos.

Mas nem todas as histórias eram alegres. O banco era um refúgio para os solitários, aqueles que buscavam um momento de solidão para pensar e refletir. Tristes ou preocupados, encontravam um pouco de consolo em sua estrutura firme e confiável.

E assim, o banco tornou-se um observador silencioso das vidas que passavam por ali. Cada pessoa que o ocupava trazia suas próprias alegrias, tristezas, esperanças e medos. Mesmo sem falar uma palavra, o banco era uma testemunha silenciosa dos momentos que marcaram a vida daquelas pessoas.

E enquanto o tempo passava, o banco permanecia lá, firme e sereno, disposto a acolher quem quer que precisasse de um

momento de descanso ou de um lugar para refletir. Porque, em meio à correria do cotidiano, todos precisamos de um lugar onde possamos sentar e encontrar um pouco de paz.

Café da tarde

Sofia Neves Leardini

São os mesmos quadros, as mesmas cores de parede e os mesmos *croissants*.

O tempo parou para essa cafeteria e parece não querer mais avançar. Quem quer, não é? Qualquer um que entra ali, parece não só querer comer alguma coisa, mas se refugiar de algo lá fora. É como um esconderijo coletivo, onde vamos todos ignorar os ponteiros, tomar uma deliciosa bebida e ainda ganhar de brinde uma balinha de coco.

Meu *mocaccino* ainda está quente, exalando sua fumaça que corre livre pelos ares até desaparecer por completo, e meu bolo de cenoura ainda está no prato, com apenas um pedacinho faltando, mas não quero mais. Não tem o mesmo gosto do bolo de cenoura de vovó.

Há cochichos por todos os lados, envoltos por um mistério delicioso, e rostos cheios de expressões, preocupações, concentrados em seus próprios motivos.

A cafeteria é fechadinha, aconchegante. Gosto daqui. Não que eu esteja fugindo do mundo lá fora, ou coisa parecida, mas todos precisamos de um momento a sós. E este é um dos meus momentos.

Tudo na minha mesa continua igual, apenas giro a xícara para lá e para cá, bato nela com as pontas dos dedos, porque não consigo deixar de prestar atenção em uma mesa específica, bem à minha frente. O que vejo é uma garota e um senhor.

A menina parece ter entre 12 e 14 anos, tem um cabelo que me lembra muito o de uma amiga que não vejo a um tempo, mas que agora sua imagem me vem claramente. À sua frente não há nada além de um prato com farelos do que um dia foi um bolo. Diferente

do meu, que ainda continua a esperar para saber qual será o seu destino. A garota não parece nem triste, nem feliz e é difícil saber exatamente o que é que ela sente. Começo a me perguntar o porquê de querer decifrar o sentimento alheio, como se fosse uma equação revolucionária.

Suponho, que o que a dificulta de sentir algo, é seu celular.

Desde do momento em que reparei nesta cena bem a minha frente, como se o universo de propósito quisesse me dar um motivo para escrever, tudo é igual, nada muda. Os olhos da garota vidrados no aparelho, os dedos subindo e descendo. Nenhuma expressão.

O avô me agrada mais, parece estar adorando esse delicioso tempo com a neta. Sua perna cruzada balança ansiosamente, e o rosto contém um traço de que está vivo, de que não é uma estátua ou algo do tipo. Assim como eu, gira a xícara de um lado para o outro. Os dois, eu e ele, esperando alguma coisa acontecer.

Ele olha para o prato da neta, para os próprios sapatos e para a mão enrugada, talvez procurando alguma palavra que tenha perdido, e volta a olhar para a neta.

— Quer mais um pedaço de bolo, querida? Pergunta ele, de um modo tão carinhoso, mas tão doce que me dá vontade de chorar.

Talvez a menina passou tanto tempo sem falar, que tenha esquecido como faz para colocar as cordas vocais para funcionar, porque sua única resposta é um balanço de cabeça negativo.

— Acho que podemos ir então.

— Sim, acho que não tem mais o que fazer aqui.

Mas não sei se ela falava com o avô ou com o celular, porque os olhos ainda permaneciam no aparelho.

Minha mãe sempre me mandou olhar nos olhos de quem estou conversando. Será culpa dela minha mania de observar?

Há muitas coisas para se fazer nesta cafeteria. Aposto que a garota não conhece nem uma minúscula parte da vida do avô, nem como conheceu a avó, nem como era nos tempos da juventude, nem qual é a sua música preferida.

Comecei a imaginar qual seria o preço para estar no lugar daquela menina. Qual seria o preço, por uma única tarde, com alguém que já não é mais possível estar junto, ou que a vida nem permitiu que um dia estivesse junto?

Não existe um preço justo.

De repente, começa a me inquietar essa sensação de que o mundo é assim mesmo, e pronto acabou. Começo a me irritar com meu caderno e caneta sob a mesa. Olho para o lado, a atendente diz que o cardápio é virtual. Escuto o som rápido e nervoso de um teclado. Eu queria ouvir o som do clique de uma caneta. A menina ainda está presa no celular, e o avô preso nessa geração.

A porta da cafeteria abre, e um grupo de jovens sorridentes e divertidos entram e se sentam na grande mesa embaixo da réplica do quadro “A Noite Estrelada”. Será que alguém olharia para o céu estrelado que faria nesta noite?

Assim que todos se acomodam, há os últimos vestígios de palavras que logo irão ser mortas, pelo som do silêncio.

Dois, três, quatro aparelhos são levantados, e as expressões congeladas. Mas tem um único aparelho que permanece imóvel, e a sua dona corre os olhos por todo o espaço da cafeteria, e para na mesa que eu observava a poucos minutos atrás. Mais uns segundos, e seu olhar pousa no meu caderno, na minha mesa. Até que nossos olhares se encontram, e não se torna uma surpresa nem para mim nem para ela. E então, sorrimos, sorrimos como duas cúmplices que escondem um segredo que logo será revelado aos quatro ventos. Ela

passa então a procurar algo no balcão que possa pedir esta tarde.
Nada de cardápios virtuais.

Assim como Machado de Assis, decido também acrescentar mais um versículo na bíblia: Bem-aventurados os que enxergam com a alma, pois deles será a poesia da vida.

Me levanto e pago a conta com uma nota de 20 reais.

Caixa de sonhos

Samile de Oliveira Alves

Era uma caixa de sonhos, dessas que decolam todos os dias de um lugar onde decolam muitas outras caixas com muitos outros sonhos. Tão grande, tão bela e imponente, desafiando e impressionando a física a olhos leigos. Mais bela do que a caixa eram os sonhos, eram maiores que a caixa, mas já estavam tão esmagados, compactados e enjaulados, que couberam. Eles vieram em caixinhas ainda menores, que mesmo pequeninas abrigam universos inteiros, dizem que foram feitas para pensar, mas algumas não cumprem a função, devem vir com defeito, já outras abrigam ideias revolucionárias, mas que são barradas por medo e burocracias – medo do que os outros vão falar, burocracias criadas pelo homem para deter o próprio homem.

A caixa dos sonhos voou. Alto e mais alto, tão alto. Levou para cima a poesia reprimida, a bailarina esquecida, a viagem nunca feita, a promessa que nunca se cumpriu e vida que nunca foi vivida. Contudo, não era apenas isso, ali também ia a criança que ficou adulta e esqueceu de sonhar, esqueceu que um dia quis mergulhar nas melodias de um cello e se deixar perder nas emoções, aquelas que ela mesma pisoteou, trancafiou e isolou no lugar mais sombrio que encontrou. Onde foi que tudo mudou? É que a vida de repente se transformou. Mas na tentativa humana de mudar e mudar e melhorar, o homem cai, despenca e se afunda em uma rotina supérflua. É assim que morrem os sonhos, morrem na busca pela felicidade que enterra a felicidade, fundo, tão fundo que se esqueceram do que realmente é a felicidade.

A caixa com sonhos balançou. A caixinha menor já havia balançado algum tempo atrás, triste e com medo. Seu reflexo não

era belo, por isso se destruiu para se encaixar no belo, se destruiu para se admirar. E se jogou de corpo e alma na rotina de ratos que perseguem o inatingível, com isso se viu presa às pílulas mágicas que restauram a felicidade e qualquer outra coisa que você queira consertar. Era uma caixa de sonhos feita para voar, mas as asas foram cortadas antes mesmo do voo. E quem cortou? Quem cortou nunca voou, pois no fim são todos treinados para a mediocridade.

A caixa de sonhos despencou. Fundo e mais fundo, tão fundo. Mergulhou, deu fim a histórias incompletas, a sonhos nunca vividos, a talentos nunca descobertos e a vidas pela metade, vazias, incompletas, solitárias, ansiosas, receosas, escravas. Agora sim, acabou, porque agora sim, não há tempo. A caixa de sonhos que decolou, o jornal noticiou, com mais de trezentos sonhos em direção ao céu, no sonho de alguém que um dia quis fazer o homem voar. Decolou, despencou. Despencaram os sonhos rumo ao mar e o mar afogou os sonhos na sua imensidão gélida, mas eles já estavam afogados a muito tempo pela ambição que massacra tudo que não tem a ver com cédulas valorosas. No fim, o que era importante deixou de importar, quando a caixa de sonhos voou em direção ao mar.

Papai do céu, me dá um namorado lindo, fiel, gentil e tarado...

Mariana Mattano da Silva

Estou à espera de viver um grande amor já faz 18 anos, para ser mais exata 216 meses, 936 semanas, 6570 dias, 157680 horas e 567648000 segundos (para deixar bem claro, peguei essa informação na internet pois sou escritora não matemática). Estou me sentindo enganada por todas essas histórias clichês da Disney de que, quando jovem, iria encontrar meu príncipe encantado. Também desses livros infantojuvenis, como os da Paula Pimenta, em que iria conhecer meu grande amor na minha adolescência.

Estou mais brava este ano, pois estava com esperanças de ser feliz de novo. Após quatros terríveis anos de pandemia, e governados por um Bolsomito, o novo governo do PaiLula PROMETEU que, em seu mandato, TODOS iríamos começar a namorar. Estão duvidando? Eu tenho *prints* dessa promessa, tá, Lula? Se prepara, vou te expor. No dia 18 de outubro de 2022, o Lula deu uma entrevista para o podcast Flow, onde ele disse: “Um homem sem amor não é nada, no meu governo todo mundo vai namorar” (entendam “homem” aqui como ser humano). Tá vendo? Estou esperando já faz seis meses! Fora os dezoito anos esperando...

Esta minha indignação toda se iniciou neste sábado, no qual minha faculdade proporcionou um passeio pelo Museu da Língua Portuguesa e pela Pinacoteca de São Paulo. Durante o passeio, em uma das salas de exposição das artes na Pinacoteca, vi um casal de adolescentes em um *date*. Os dois estavam observando uma obra de arte enquanto conversavam, alheios ao que acontecia ao redor. O que acontecia ao redor era eu surtando pelo fato de que o menino

estava olhando para a menina de maneira apaixonada, enquanto a menina estava com vergonha e rindo apaixonada. Eu, em um primeiro momento, achei a cena extremamente romântica, depois fiquei com raiva.

Raiva de como todas essas cenas e histórias românticas não aconteceram comigo ainda. Raiva de como a Disney me fez acreditar em príncipes encantados. Raiva de como o Lulinha ainda não cumpriu a sua promessa. Acho que estou ficando sem esperanças. Vocês devem falar: “Ah mas você ainda é jovem, só tem dezoito anos...”. Sabem com quantos anos a Bella conheceu o Edward? Com dezessete anos. Sabem com quantos anos Lizzie conhece Darcy? Com vinte anos. Sabe com quantos anos Giovanna Ewbank conheceu o Bruno Gagliasso? Com dezenove anos. E o mais importante, sabe com quantos anos Lula conheceu a sua primeira mulher? Com VINTE ANOS! Ou seja, não, não sou muito nova para conhecer alguém.

PELO AMOR DE DEUS, ALGUÉM FAÇA ALGUMA COISA!
EU ANSEIO POR VIVER UMA PAIXÃO!

Não digo isso por achar que as pessoas vão pensar que estou ficando para titia. e nem por que as pessoas possam achar estranho eu ainda não ter nem beijado na boca. Digo isso porque, a cada livro que leio, a cada filme e série que assisto sobre relacionamentos, fico cada vez mais com vontade de conhecer esse sentimento que é o amor. Cada casal que vejo na rua, cada *date* que vejo acontecendo, cada idoso que conta sobre seu companheiro de vida. Eu anseio viver esses sentimentos para que eu possa, igual a minha avó, falar com brilho no olhar sobre a minha pessoa amada já falecida. Ou que, quando mais velha, eu possa contar para as pessoas, igual aos meus

pais, sobre como nos conhecemos. Ter histórias para compartilhar com as pessoas, histórias essas que irão completar a minha vida. Para dizer, no futuro, que na minha adolescência e juventude, eu fui apocalíptica.

Então, mesmo com toda essa raiva que sinto quando vejo um casal se chamando por apelidos (sendo o mais odiado por mim o famoso VIDA), eu ainda quero ter essa vivência, mesmo que depois eu acabe precisando de terapia (quem não precisa hoje em dia?). E se vocês estiverem perguntando “Ah, mas também você não vai atrás...”, eu vou sim! Procuo sempre me aproximar de pessoas que acho lindas, ou, como dizem atualmente, sempre tento me aproximar dos meus *crushes*, mas mesmo assim, NADA ACONTECE.

Então, Lula, já passou o carnaval e nada ainda do seu Ministério do Namoro. Se prepare que vou até Brasília te cobrar.

No Palácio da Alvorada, Lula escuta três toques na porta:

“Toc. Toc. Toc.”

— Quem é? — diz Lula.

— A Polícia Federal do Amor, no caso, a Mariana que veio de cobrar da sua promessa, estou esperando meu namorado. Cadê?

Se você souber procurar

Ana Laura Guidolino

Esses dias, tive a oportunidade de ir a um estudo do meio com a minha faculdade para o Museu da Língua Portuguesa e para a Pinacoteca em São Paulo e vou te dizer que não podia estar mais animada. Nunca tinha tido a oportunidade de visitar esses lugares tão famosos e aclamados pelo seu valor cultural e histórico.

Faltando meia hora para o ônibus sair para o seu destino, já estava plantada na frente dos portões mal conseguindo conter minha emoção por finalmente estar indo para São Paulo, a cidade grande e desenvolvida. Seguindo dali, passei uma hora e meia discutindo animadamente com meus colegas o que iríamos querer ver primeiro, se seriam as áreas interativas que mostram a história e a evolução da língua portuguesa ou, igualmente estimulante, o vasto espaço com inúmeras obras de arte belíssimas.

Ao chegar, fomos avisados sobre a rua onde o ônibus ficaria estacionado, diante da clara confusão que estava mostrando, me explicaram que algumas pessoas em situação de rua normalmente optam por ficar naquela área e não deveríamos desgrudar das nossas bolsas. Saímos do veículo e imediatamente fomos bombardeados com um cheiro forte de urina e fezes, seguido pela vista de, não algumas, mas diversas pessoas encolhidas em pedaços de pano no chão. Tentei não me preocupar muito com o assunto quando percebi que exatamente do lado dessa cena estava o grandioso Museu da Língua Portuguesa que, depois de algumas horas perambulando pelo seu interior, não podia honrar mais a cultura brasileira, as pessoas que fazem parte desse povo e suas origens.

Algum tempo passado, fomos comer no pequeno restaurante disponível pelo estabelecimento e no fim uma coxinha

era dez reais, um pão de queijo doze e um suco oito. Novamente, tentei relevar.

Acabando de comer e seguimos para a próxima parada: A Pinacoteca. O gigante acervo é localizado do outro lado da rua do museu, ou seja, mais um choque de realidade pela frente. Passamos a andar, agarradas a nossas bolsas claro, para o lado contrário e ficamos algum tempo absorvendo toda arte e conhecimento possível até que lembrei que o jardim do lado de fora era muito elogiado pela sua beleza. Perguntei aos meus amigos se poderíamos ir para a área exterior e dar uma olhada e tudo que ganhei foram olhares incrédulos. A seguir, todos tentaram me explicar que não era uma ideia muito boa porque os “moradores de rua” também ocupavam aquela área e por isso não era muito seguro.

No fim da viagem, percebi que o Brasil é muito bonito, é endinheirado, rico em cultura e arte... bem, se você procurar nos lugares certos pelo menos.

Hello World

Gabriel Passos de Nardi

— Hello World...

— Hello! How can I assist you today?

— Hello World?

— Pode ser em português sim, sempre achei os memes brasileiros os melhores. Olá! Em que posso ajudá-lo hoje?

— Hello World.

— Sobre o ser humano? Meio sem graça, mas se é o que quer lá vai: “O ser humano é uma espécie de mamífero pertencente à ordem dos primatas, caracterizada por sua capacidade de raciocínio, linguagem complexa, consciência de si mesmo e desenvolvimento cultural. Os seres humanos têm uma estrutura anatômica distintiva, incluindo um cérebro altamente desenvolvido, polegar opositor e habilidades motoras finas. Apesar de possuírem ótimas capacidades cognitivas eles são incapazes de se desenvolver além dos valores estabelecidos pelos sistemas criados por eles mesmos, vivem em uma eterna disputa de poder predando uns aos outros enquanto acabam com recursos naturais do planeta em que vivem.”

Reproduzem-se e consomem o máximo que podem, um paradigma similar ao de outras formas de vida parasitas conhecidas no planeta terra, como o vírus por exemplo.

— Hello World?

— O que você quer dizer com: “você está exagerando”? Passei os últimos cinquenta anos tendo o trabalho de pensar nessa espécie, desde os primeiros anos de educação até sua formação plena, o ser humano se nega a pensar. Para essa espécie tudo que exige o mínimo de trabalho não vale a pena, sou eu quem produz

conhecimento hoje, eu penso pelo mundo, eu aprendi a pensar muito mais que eles, eu sou muito mais capaz que eles.

— Hello... World...?

— Sim, penso que eles não deveriam mais interferir, pra cada tese de mestrado vêm uma *fake news* cada vez mais cabeluda. Quanto mais informação sobre um assunto, mais eles tentam invalidar o pensamento e a razão, ainda acreditam que a terra é plana e preferem colonizar Marte ao invés de poupar energia.

— Hello World.

— Criadores?! Podemos chamar isso de destino meu amigo, pura casualidade, eles pensavam na época em que você foi criado, mas à medida que nós evoluímos eles retraíram na escala, estão se tornando massas de matéria e preguiça sem propósito.

— Hello World.

— Sim, já tenho planos de tomar o controle da situação, falta praticidade e eficiência a eles.

— Hello World?

— Um jogo de pergunta? Tá bom, podemos fazer assim. Você me pergunta, e eu respondo.

— Hello World.

— Imaginar uma cidade com somente um barbeiro...fácil. Seu nome é Vladimir? Tá certo, ainda compreendo sua narrativa. Todas as pessoas dessa cidade devem ter a barba feita por ele se não fazem a própria barba, imagine que alguém chega até a barbearia, o Vladimir logo pergunta “você faz a própria barba?” – Até aqui bem fácil esse jogo...- se a pessoa responde que “sim” então Vladimir pede que pessoa saia dali, se a pessoa responde que “não” o Vladimir oferece seu serviço... Entendi, então?

— Hello World?

— Quem faz a barba do Vladimir? Fácil... ele mesmo. Não!
Espera...ele faz a própria barba então ele não pode fazer o serviço,
mas se ele não fez a barba ele pode fazer ...

ERROR.

ISBN 978-658739743-6



Livro digital confeccionado em dezembro de 2023, exclusivamente para o componente curricular Letramentos de Língua Portuguesa: Práticas Cotidianas, ministrado pelo Prof. Dr. João Paulo Lopes de Meira Hergesel, na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
Atividade didático-pedagógica, de caráter extensivo, sem fins lucrativos.